



Cinco escritoras.
Cinco olhares.
Cinco trajetórias.
Cinco vivências.
Cinco estilos.

Em textos jornalísticos
sensíveis, as visões de cinco
diferentes escritoras sobre o
sentido da escrita como
expressão artística.

Elas Falam Por Si

Lethycia Dias

Elas Falam Por Si

Perfis de escritoras goianas

Lethycia Dias

Elas Falam
Por Si

Lethycia Dias

Elas Falam Por Si

Lethycia Dias

Universidade Federal de Goiás

Reitor Edward Madureira Brasil

Vice-reitora Sandramara Matias Chaves

Faculdade de Informação e Comunicação

Direção Angelita Lima

Vice-direção Andreia Pereira dos Santos

Elas Falam Por Si: Perfis de escritoras goianas

Orientação: Profª. Drª. Angelita Pereira de Lima

Arte da capa e ilustrações: Clara Linhares

Projeto gráfico e diagramação: Lethycia Dias

D541e Dias, Lethycia

Elas Falam Por Si: Perfis de escritoras goianas /
Lethycia Dias - Goiânia: edição da autora, 2018.
130 p.; 21 cm.

1. Escritoras goianas; Jornalismo literário;
literatura; perfis

CDD: 070

CDU: 07

*Para todas as mulheres, de
todas as idades, em todos os
lugares, que foram tocadas
pela literatura e querem
reivindicá-la para si mesmas.*

*Livro-reportagem apresentado à Faculdade de Informação e
Comunicação da Universidade Federal de Goiás para obtenção
do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo, sob a
orientação da professora Angelita Lima*

*“(...) uma mulher precisa ter
dinheiro e um teto todo seu, um espaço
próprio, se quiser escrever ficção.”*

Virginia Woolf - Um teto todo seu

Sumário

- Apresentação.....	13
- Prefácio.....	17
- Os sonhos e fantasias de Carol.....	29
- Fragmentos de universos.....	43
- Contemplativa e polissêmica.....	61
- A descoberta do amor.....	77
- Corpos interditados, vozes contestadoras.....	91
- Posfácio.....	105
- Lista de obras citadas.....	109
- Agradecimentos.....	113

Apresentação

É impossível contar a história por trás deste livro sem falar de parte da minha trajetória com a leitura e a escrita. Eu sempre gostei de ler. Os livros estiveram presentes na minha vida, de uma forma ou de outra, desde a infância. Durante o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, eu era uma frequentadora assídua das bibliotecas dos colégios em que estudei. Na adolescência, tive amigos leitores que me emprestavam seus livros, até que pude comprar meus próprios livros e formar minha coleção.

Além de ler, eu também escrevia. Desde criança, eu imaginava minhas próprias histórias. No Ensino Médio, tinha um caderno à parte que levava para a escola, onde escrevia poesia, crônicas, contos. E eu sempre busquei alguma forma de contato com outras pessoas que também gostassem de ler e escrever. Fui encontrar essas pessoas na internet, entrando em grupos de leitores no Facebook, acompanhando blogs literários, assistindo a canais literários no YouTube, registrando minhas leituras no Skoob, seguindo escritores e leitores no Twitter. Em Goiânia, gostava de ir aos sebos da Avenida Goiás e da Rua 4, no Centro, e da Biblioteca Municipal Cora Coralina, em Campinas. Gostava de entrar nesses lugares, ler os títulos nas lombadas dos livros sobre as prateleiras, pegar um livro, folhear, encontrar algum papel ou marcador de páginas perdido por dentro. Eu nunca me registrei na biblioteca para poder fazer empréstimos de livros, e muitas vezes saía de dentro de um

sebo sem comprar nada. Só estar no ambiente já me agradava. Mas os sebos e bibliotecas eram lugares solitários. E de alguma forma, eu tinha uma ânsia de encontrar, em algum lugar de Goiânia, a mesma interação e movimentação que encontrava na internet.

Pelas redes sociais eu era informada de lançamentos de livros, encontros de fãs e leitores, sempre em outros grandes centros urbanos. Era raro que alguma coisa parecida acontecesse em Goiânia. Eu via as notícias de eventos como a Bienal Internacional do Livro e a Feira Literária Internacional de Paraty e lamentava profundamente que nada parecido acontecesse por aqui. Ou, pelo menos, que eu não ficasse sabendo de nada parecido na capital de Goiás. Eu ansiava muito por algum tipo de lugar ou ocasião em que as pessoas se reunissem pessoalmente para falar de livros, compartilhar suas experiências, comprar e vender livros, conhecer e conversar com autores. E levou muito tempo para que eu encontrasse esse tipo de reunião e compartilhamento – em escala muito menor, é claro – em eventos como os encontros do Leia Mulheres – Goiânia e na Feira e-cêntrica de publicações independentes.

A existência dos dois eventos me fez perceber que havia, sim, pessoas preocupadas com literatura em Goiânia, fosse para consumi-la ou produzi-la. Havia uma agitação literária em Goiânia, à sua maneira, contida num círculo pequeno de pessoas, se realizando em eventos de pequeno porte, de caráter independente, com divulgação tímida, porém movida por uma necessidade urgente de produção e compartilhamento. Eu me dava conta, pela primeira vez, do cenário da literatura independente em Goiás.

A literatura que eu então encontrava no cenário independente tinha uma característica singular: a forte presença e o engajamento de mulheres. Não que não houvesse homens, mas

as mulheres me chamavam mais a atenção. Havia mulheres escrevendo e publicando livros com propostas novas, romances únicos, poesia moderna em linguagem fragmentada e curta. Era diferente de tudo que eu já tinha lido antes, e achei que alguém precisava escrever sobre aquilo.

A ideia de produzir no meu Trabalho de Conclusão de Curso um livro com perfis de escritoras goianas me veio no primeiro dia letivo de 2018, enquanto eu ouvia música pelos meus fones de ouvido, de pé no Eixo Anhanguera lotado, indo em direção ao Terminal Praça A, onde deveria pegar o ônibus 105 para chegar ao Campus Samambaia da UFG. Desde o fim do ano anterior eu vinha me atormentando por não ter ainda uma boa ideia para o meu TCC, que me interessasse e fosse realizável. E me pareceu engraçada a demora para pensar em trabalhar o que eu mais gosto, que é a literatura.

A ideia não veio inteira de uma vez. Fiquei o resto do dia com o pensamento de entrevistar escritoras goianas, sem saber com que objetivo. Fiz algumas anotações e pesquisas, e uma semana depois, procurei a professora Angelita Lima, que mais tarde se tornaria minha orientadora, e soube por ela que minha ideia era possível.

Nas semanas e meses que se seguiram, enquanto pesquisava e escrevia meu projeto na disciplina Projeto de Pesquisa, a ideia inicial foi crescendo e se modificando, tomando força, se tornando importante para mim. Quando li *Profissões para mulheres* e *Um teto todo seu*, ambos de Virginia Woolf, percebi que estava no caminho certo. Em 2018, as coisas não estavam muito diferentes de 100 ou 80 anos atrás para nós, mulheres escritoras. Toda a minha pesquisa me indicou isso.

Ao longo do primeiro semestre de 2018, enquanto lia livros teóricos e literários para a pesquisa sem interromper minhas leituras literárias por diversão, eu terminei de idealizar *Elas*

falam por si. Um livro-reportagem com perfis de escritoras goianas contemporâneas, que vêm publicando obras em poesia ou prosa nos últimos dez anos. A busca pelas mulheres que vêm escrevendo e publicando literatura em Goiás me levou a conhecer uma literatura como nunca vi antes, e o melhor: a conhecer os múltiplos sentidos da literatura para as mulheres com quem conversei.

Prefácio

*E*las Falam Por Si é o resultado de um projeto feito com muito amor e carinho. Antes de ler as trajetórias das cinco mulheres que colaboraram para este livro, é importante que você conheça alguns conceitos relacionados ao jornalismo e compreenda sob que circunstâncias este livro foi produzido, e o que fez com que ele seja como é.

Jornalismo literário e perfis jornalísticos

O jornalismo literário é uma modalidade de escrita jornalística que potencializa a capacidade de análise e aprofundamento do jornalismo, utilizando técnicas da literatura. É uma forma de escrita que deriva da interseccionalidade histórica entre jornalismo e literatura e é representada por autores clássicos como Gay Talese, Norman Mailer, Tom Wolfe e Truman Capote.

Utilizar o jornalismo literário como modalidade de escrita foi a minha decisão para a realização de um trabalho jornalístico sobre literatura. Somente o jornalismo literário poderia dar o aprofundamento que eu julgava necessário para escrever sobre as mulheres que seriam perfiladas, e somente uma escrita com características de literatura poderia ser metalinguística ao falar de literatura. Desde a idealização deste livro, portanto, eu sabia que o jornalismo literário seria indispensável.

Os perfis foram a forma de escrita que adotei para o meu trabalho. Um perfil é um texto jornalístico que dá evidência a uma pessoa, personagem, lugar ou acontecimento. No caso

de uma pessoa, é um texto que trabalha todas as facetas do entrevistado, indo além de uma simples notícia ou reportagem. Eu pretendia escrever textos que revelassem os sentimentos, verdades e valores das minhas entrevistadas, e só poderia fazer isso por meio de perfis.

A união entre jornalismo literário e escrita de perfis é comum no jornalismo, e é comum também que resulte em um livro-reportagem como suporte de veiculação do texto jornalístico. Produzir, então, um livro de perfis escritos sob a ótica do jornalismo literário foi a opção teórico-metodológica que fiz para este livro.

A escolha das autoras perfiladas, como escrevi sobre cada uma delas e por que o fiz como fiz

Minha primeira pesquisa para a realização deste livro foi um post em um grupo no Facebook, onde pedi indicações de escritoras goianas, que tivessem publicado poesia ou prosa em livros solo, antologias, e-books ou blogs durante os últimos anos. Os comentários nesse post me deram acesso aos primeiros nomes dessas escritoras. Posteriormente, tive acesso a uma lista de nomes, enviada em e-mail pelo professor Jameson Buarque, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

Eu tinha uma lista de escritoras, mas, devido ao tempo hábil para a realização do meu trabalho de conclusão de curso e o espaço disponível em um livro, precisava fazer uma seleção. Para isso, defini alguns critérios: escolheria cinco escritoras que tivessem nascido ou que vivessem em Goiás, e que tivessem publicado textos literários em prosa ou poesia durante os últimos 10 anos. Elas também deveriam ser minimamente acessíveis: ter seus livros disponíveis para venda, download ou leitura; estar em Goiânia, para a realização de entrevista aprofundadas. Como uma das minhas hipóteses com a minha pesquisa era a

de que as escritoras goianas contemporâneas estariam escrevendo sobre mulheres, eu também desejava que as obras delas falassem de mulheres, que tivessem mulheres como protagonistas ou eu-lírico.

A partir desse critério, escolhi cinco delas: Anita Canavarro, Carol Oliveira, Cássia Fernandes, Dheyne de Souza e Larissa Mundim. Essa decisão não foi imediata; pelo contrário, se deu ao longo do tempo, a partir de indicações feitas por outras pessoas, pelo meu acesso aos livros que deveria ler previamente, e pela própria disposição das autoras para conceder entrevista. A primeira delas que entrevistei foi Carol Oliveira. Tive acesso a seu conto *Imersão do medo* quando recebi em casa a minha caixa de exemplares de *Sereias: Encantos & Perigos*, a antologia de contos da Delirium Editora, onde eu, Carol e outros autores e autoras temos contos publicados abordando de diferentes formas a figura mitológica das sereias.

Planejei o perfil de Carol Oliveira muito antes de saber se ela toparia a entrevista. Eu estava empolgada. Era uma coincidência enorme estudarmos na mesma universidade e participarmos do mesmo livro. Fomos ao lançamento de *Sereias: Encantos & Perigos* na Bienal Internacional do Livro de São Paulo, no dia 04 de agosto de 2018, e lá eu disse a ela que depois queria conversar. Dias depois, por e-mail, expliquei o projeto do meu trabalho de conclusão de curso, e ela aceitou minha proposta. Nossa entrevista foi realizada no dia 27 de agosto, no lado de fora da lanchonete Delícias do Campus, no campus Samambaia da UFG. O resultado foram 52 minutos de gravação em áudio e 16 páginas de transcrição.

Comecei o perfil de Carol descrevendo a sessão de autógrafos de *Sereias: Encantos & Perigos*, no dia 04 de agosto. Eu estivera lá e tinha lembranças vívidas daquela noite. Era um momento empolgante e emocionante, e eu decidi fazer com que

o perfil girasse em torno disso. Era a primeira publicação de Carol Oliveira, e eu quis traçar sua trajetória até ali.

O perfil tem o título *Os sonhos e fantasias de Carol* e é estruturado em intertítulos que dizem respeito a diferentes fases da trajetória da autora perfilada. Me coloquei como narradora observadora, falando da trajetória de Carol em terceira pessoa e fazendo pequenas intromissões em primeira pessoa. É o texto que mais se aproxima da escrita jornalística clássica. Além dos intertítulos, faço uso de aspas para citar falas, exceto por trechos em que julguei mais necessário o uso de travessões.

Minha segunda entrevistada foi Dheyne de Souza. Tivemos nossa conversa no dia 19 de setembro na sala do apartamento dela, ao longo de uma hora e 15 minutos, que precisei de 20 páginas para transcrever. Optei por produzir um perfil em primeira pessoa, no ponto de vista de Dheyne, em linguagem poética, com quase nenhuma presença da minha própria pessoa. Dheyne de Souza é escritora e poeta, e sua escrita é, mesmo quando em prosa, bastante poética. Além disso, ela se refere a uma constante busca pela arte durante toda a sua vida. Por isso, eu não poderia abrir mão dessa forma de escrita ao escrever sobre ela, e nem de envolver arte no texto final. Assim, seu perfil é fragmentado, como se constituísse os versos e estrofes de um grande poema, e inclui citações de vários dos poemas dela, dando consonância ao relato e criando intervalos entre os diversos temas abordados. Pela fragmentação, resolvi chamar o perfil de *Fragmentos de universos*, numa referência ao primeiro livro de Dheyne, o *Pequenos universos caóticos*. Esse é o meu perfil preferido.

Existem alguns elementos marcantes em *Fragmentos de universos*. A coloquialidade, por meio da reprodução de expressões e formas de construção presentes na fala, é o primeiro deles. A poeticidade que percebi na fala de Dheyne vem muito

dessas expressões e construções, então eu optei por não suprimi-las, tornando-as minimamente adaptadas às exigências de um texto coeso e coerente. O uso de aspas foi seletivo. Em diversos momentos da entrevista, Dheyne repetia frases ditas por ela mesma ou por outras pessoas em suas experiências e, na coloquialidade, nós somos capazes de perceber quando alguém reproduz a fala de outra pessoa. Não é necessário fazer uma grande sinalização. Mantive as reproduções de falas de terceiros entre aspas e marquei as da própria Dheyne colocando-as em itálico, contando com a diferença gráfica para que o leitor faça a distinção por si mesmo. O itálico também é utilizado para nomes de livros e para as citações dos poemas, mas a distinção entre eles e as citações fica perceptível na leitura.

A terceira entrevista que realizei foi com Cássia Fernandes, numa cafeteria dentro do Shopping Bougainville, em Goiânia, no dia 01 de outubro. Foi a mais longa de todas, e resultou em três diferentes gravações de áudio, num total aproximado de uma hora e 36 minutos. Ocupei 24 páginas com a transcrição. Para definir a estrutura do perfil, me deparei com um obstáculo: eu já tinha escrito em primeira e em terceira pessoa. Para que este perfil se diferenciasse dos anteriores, eu precisaria de uma maior inventividade.

Comecei citando o acontecimento mais marcante da carreira de Cássia, a repercussão do polêmico prefácio de seu primeiro romance, *Cartas que não te escrevi*. Demorei para encontrar o tom certo da narrativa, e precisei recomeçar o texto do zero, até achar que tinha encontrado o rumo da escrita. Quando terminei de trabalhar toda a questão envolvida, inseri um parágrafo falando de mim mesma na terceira pessoa, e descrevendo a minha busca dentro do shopping pelo lugar marcado para a entrevista, até que avistei Cássia e seu filho, em uma mesa no café ao lado de uma livraria.

Decidi então manter esse narrador onisciente e distante, olhando do alto para nós duas. Dividi o conteúdo extraído da entrevista em blocos, que intercalei no texto final com narrações sobre a entrevista, o ambiente em que estávamos, o café sendo servido, a música que ouvíamos, até finalizar o perfil com uma referência à forma com que encerramos nossa conversa: comendo pão de queijo. O título que escolhi para esse perfil foi uma referência a duas características que Cássia atribui a si mesma: *Contemplativa e polissêmica*.

A entrevista com Larissa Mundim aconteceu no dia 16 de outubro, no café Coffee Time, no Setor Bueno. Era a entrevista mais importante para o meu trabalho, devido à experiência de Larissa como editora e seu conhecimento sobre o mercado literário independente. Por sua importância, tornou-se um grande desafio para mim. Tive uma hora e 4 minutos de gravação e 16 páginas de transcrição.

Demorei vários dias até conseguir iniciar a escrita desse perfil, e ele foi o último perfil a ficar pronto. Parte da demora no trabalho aconteceu porque antes precisei ler por completo o livro *Operação Kamikaze* e pelo menos iniciar a leitura de *Agora eu te amo*, livros com os quais Larissa Mundim me presenteou dias depois de nossa entrevista, por reconhecer que eram importantes para minha pesquisa.

Enquanto eu lia trechos da transcrição da entrevista tentando hierarquizar os assuntos por importância e escolher um momento que definisse o início do perfil, acabei decidindo re-ler o conto *Sem Palavras*, que é mote de todo o romance epistolar *Sem Palavras*, de Larissa Mundim e Valentina Prado. O conto, então, apontou como eu deveria escrever. Eu queria um texto corrido, fluido, em linguagem intimista que, assim como aquele conto, transbordasse das páginas. A narração é em terceira pessoa, mas há um parágrafo que se dirige diretamente ao

leitor, chamando-o de você e levando-o a imergir na experiência de se comunicar com outra pessoa via chat online.

A entrevista foi repleta de percepções sonoras e sensações que eu não conseguia desvincular do material com o qual precisava trabalhar, de forma que decidi, na escrita do texto, fazer referências a isso. Se o livro *Sem Palavras* é o registro da comunicação mediada entre as protagonistas, e essa comunicação por vezes sofre interferências, como quedas de conexão com a internet, por exemplo, eu queria que o perfil de Larissa Mundim também fosse assim. Então fiz uma ligação com aquilo que causou interferência na nossa entrevista: a música que tocava no café, os sons das conversas de outras pessoas, e o momento de absoluta “desconexão” que tive, ficando incapaz de terminar uma das minhas perguntas para ela. Me referi a esse momento específico, no perfil, como uma queda de conexão. Como se minha internet caísse. Exceto por essas referências, me anulei completamente do texto, não me mencionando de nenhuma outra forma.

O título *A descoberta do amor* se refere a um trecho do conto *Sem Palavras*, que cito de forma indireta no início do perfil. Também diz respeito ao tema principal dos três romances de Larissa Mundim: o amor no século XXI. E, embora eu tenha lido muito pouco da obra de Clarice Lispector, que é a maior influência de Larissa, eu intuía que de alguma forma devia ecoar em suas obras, em seus títulos, nas expressões que Clarice utilizava.

A quinta e última entrevista, com Anita Canavarro, se realizou no dia 23 de outubro, no escritório dela no Núcleo de Pesquisa e Ensino em Ciências (NUPEC), no Campus Samambaia da UFG, e foi a mais curta de todas: 26 minutos de gravação, 9 páginas de transcrição.

Eu saí da sala de Anita Canavarro com a sensação de que aquela entrevista havia sido uma experiência transformadora.

Porque Anita trabalha em sua escrita as suas vivências de mulher negra em um país racista. E porque antes de iniciarmos nossa conversa, presenciei uma cena entre Anita e sua filha Sofia que me impactou profundamente.

Iniciei o perfil descrevendo o escritório e narrando essa cena, chegando ao momento em que eu e Anita pudemos iniciar nossa conversa. Para isso, construí um narrador observador onisciente completamente distante. E, se eu havia afirmado que nós duas teríamos uma conversa, resolvi aludir a isso durante o texto, colocando algumas das afirmações mais marcantes de Anita como falas com travessão, enquanto a maior parte do discurso está diluída no texto e em citações entre aspas. As falas com travessão soam como se Anita se dirigisse diretamente ao leitor.

Ao longo do texto, eu volto a me referir mim mesma na terceira pessoa e em como reajo às declarações de Anita, como reflito sobre elas. Também faço uma coisa que não fiz em nenhum dos outros: cito obras literárias lidas por mim. Eu quis com isso trabalhar a importância da literatura negra, abordando a forma com que a representação de pessoas negras na literatura se modifica de acordo com quem escreve. Para isso, também julguei necessária a referência à palestra de Chimamanda Ngozi Adichie, na conferência TEDGlobal.

No perfil de Anita, faço citação de dois de seus poemas publicados no volume 39 da antologia *Cadernos Negros*, de forma a permitir que o leitor conheça um pouco da escrita dela, além das minhas impressões e das dela, que já aparecem no texto. Os poemas dão consonância a essas impressões e as reforçam. Mas também vão além delas. Anita Canavarro cita em seus poemas algumas palavras e expressões culturais desconhecidas para mim, e precisei buscar seus significados e deixá-los em notas de rodapé ao longo do perfil.

O título *Corpos interditados, vozes questionadoras* diz respeito a dois aspectos que se sobressaíram muito para mim nessa quinta e última entrevista. A experiência de mulher negra é intrínseca à obra de Anita Canavarro, ecoando em sua produção. Os dois elementos que compõem esse título dizem respeito à forma como Anita vê o ser mulher (ter o seu corpo interditado) e ao caráter da literatura negra como questionadora de privilégios.

A construção do livro de perfis

A seleção das escritoras perfiladas e a escrita dos perfis foram baseadas em escolhas conscientes. A elaboração do livro e sua visão como produto artístico, jornalístico e estético passaram por essas escolhas e também por processos intuitivos e subjetivos.

Desde a escrita do meu projeto de pesquisa, no primeiro semestre de 2018, eu tinha a intenção em dividir este livro em Prefácio, Capítulos (os perfis) e Posfácio. Ao longo da realização das entrevistas e escrita dos perfis, essa decisão foi se modificando em certa medida.

Quando transcrevi a primeira entrevista, percebi que Carol Oliveira citava diversos livros, então comecei a preparar uma lista de obras citadas, que deveria ser incluída no fim do livro, ficando para o leitor como recomendação de leitura. Essa lista foi se ampliando a cada nova entrevista transcrita e perfil escrito, e conta com 60 títulos.

Em certo momento, cheguei a pensar em escrever crônicas sobre a minha experiência em cada uma das entrevistas, e incluir cada uma delas após o perfil que seria resultado da entrevista à qual a crônica se referia. A ideia era chamá-las de interlúdios. Comecei a escrever o primeiro dos interlúdios, mas sem conseguir encontrar um tom que me agradasse, acabei desistindo da ideia. Enquanto escrevia esse prefácio, percebi

que apenas as explicações aqui fornecidas sobre cada uma das entrevistas e perfis já eram o suficiente. Os espaços em que eu falo de mim neste livro já estão muito bem delimitados, e eu não desejo desrespeitar esse limite.

Conforme realizava as entrevistas, eu percebia uma evolução na minha habilidade para realizá-las e também na interação das minhas entrevistadas comigo. Eu tinha um guia básico com assuntos que deveriam ser trabalhados em todas as entrevistas, e elaborei roteiros personalizados para cada uma, com perguntas comuns para as cinco entrevistadas, mas também perguntas específicas. E havia a expectativa de realizar perguntas improvisadas de acordo com os assuntos que surgissem. A entrevista com Carol Oliveira é pontilhada de reticências e eu falo bastante. Muitas respostas dela são curtas, e eu preciso retornar a um mesmo assunto mais de uma vez. Já a entrevista com Dheyne é uma conversa muito mais livre. Eu falo muito pouco, Dheyne desenvolve vários assuntos numa só fala, se antecipa a perguntas que eu já planejava, me fornecendo material para novas perguntas e pistas para novos caminhos. Com Cássia Fernandes, estou totalmente à vontade no diálogo, desenvolvendo bem as perguntas e puxando assuntos sem dificuldade. Com Larissa Mundim e Anita Canavarro, minha postura foi mais tímida.

Mas a cada entrevista, eu sentia que *Elas Falam Por Si* crescia e se desenvolvia de várias formas. O livro se ampliava em assuntos, perspectivas e abordagens. Era como se saísse do mínimo de seu potencial e se expandisse ao máximo. E como eu sentia que cada entrevista ampliava e complementava a anterior, eu decidi que os perfis deveriam ser posicionados no livro na mesma ordem em que as entrevistas foram realizadas.

Depois dos perfis, deveria vir o Posfácio, com minhas conclusões sobre toda a experiência e minhas observações sobre

os objetivos que houvessem sido ou não alcançados neste trabalho. Em seguida, viriam a lista de obras e os agradecimentos.

Últimas palavras

Este livro não representa apenas o meu Trabalho de Conclusão de Curso, nem o fim da minha graduação. Ele representa uma vida inteira de amor pela literatura e de admiração por inúmeras escritoras. Representa a minha busca da literatura como forma de expressão e minha tentativa de compreender como outras mulheres escritoras também se expressam por meio dela. E representa, por fim, um chamado à leitura de literatura escrita por mulheres. Em todos os lugares, há mulheres escrevendo coisas maravilhosas.

Leia este livro com carinho, e, sobretudo, com a consciência de que a literatura é capaz de fazer muito mais do que apenas contar histórias. É capaz de tocar pessoas em seu mais íntimo, e de expressar aquilo que elas, de outra forma, não poderiam verbalizar. A literatura tem um poder transformador impressionante e seu potencial é muito maior do que pensamos.

Os sonhos e fantasias de Carol



Sábado, 04 de agosto de 2018, por volta das seis horas da tarde. O pequeno estande K092, da Rico Editora, espremido entre outros de mesmo tamanho, está lotado. Mal há espaço para entrar e sair, e há tanta gente do lado de fora, indo e vindo pelo corredor acarpetado, entrando e saindo do espaço de vendas ou esperando em diferentes filas, que na saída de trás do largo estande da Federação Espírita Brasileira, não é possível ver por completo os dois lançamentos de livros que ocorrem ao mesmo tempo no estande azul.

Mas enquanto uma mulher sentada à frente de uma mesa assina livros para parte das pessoas, lá dentro, no fundo do estande, junto às prateleiras que expõem livros de diversos gêneros literários e ao lado do caixa onde começa uma fila confusa, está acontecendo a sessão de autógrafos de *Sereias: Encantos & Perigos*. Organizado pela escritora Graciele Ruiz e coordenada por Flavio P. Oliveira, o livro é uma antologia de contos. Capa, cores, título e até mesmo fontes gráficas utilizadas no livro indicam ao que as histórias nele incluídas remetem: mistério, terror, mortes, tudo envolvido em 13 histórias que se inspiram nas lendas e mitos sobre sereias.

Há uma pilha de livros no balcão do caixa, as pessoas vêm e vão pelo espaço apertado, há burburinho, risadas e sons de disparos de câmeras em *smartphones*. Oito dos 13 autores de *Sereias: Encantos & Perigos* formam um semicírculo no fundo do estande, e passam de mão em mão os livros recém-compra-

dos, assinando, um por um, numa página em branco reservada especialmente para isso. Na ordem, do caixa até a outra lateral: Graciele Ruiz, Daiane Bugatti, Carol Oliveira, Robson Pedroso, Vitor Henrique, Walter Niyama, Lethycia Dias, Raíssa Arenhardt.

Carol Oliveira. Uma menina de 17 anos, nascida no interior de Goiás, visitando a cidade de São Paulo e a Bienal Internacional do Livro pela primeira vez, em companhia da mãe, Cilene Oliveira, e da prima, Camila Cristina. Ela passou o dia inteiro no Pavilhão de Exposições Anhembi, visitando estandes, comparando preços de livros e fazendo compras. Mas desde que as seis horas da tarde foram se aproximando, o nervosismo foi batendo. Ela sente um frio na barriga, acha que está até mesmo tremendo. Entre os momentos de pegar um livro entregue por um dos colegas, assiná-lo e passá-lo para o próximo colega, Carol ri bastante por causa do nervosismo. É pelo mesmo motivo também que fala rápido, às pressas. É sua estreia como escritora e ela nunca imaginou que tudo isso poderia acontecer.

Começando a voar

Na grade digital de fotografias postadas por Carol Oliveira em seu Instagram – a rede social que ela mais utiliza – o ano de 2018 é repleto de registros de momentos especiais. A inscrição #VET, em tinta guache verde, pintada no braço direito de Carol, no dia em que fez sua matrícula para a graduação em Medicina Veterinária, na Regional Goiânia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Até ali sua vida foi tranquila na pacata cidade de Itaberaí, com população estimada de 42 mil habitantes, segundo o IBGE, a 92 quilômetros da capital do Estado.

A matrícula na universidade pública significa uma mudança de cidade e de ares, que Carol enfrentou de forma tranquila. A princípio, quando utilizou sua nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) para tentar obter uma vaga em uma

universidade, visava instituições mais distantes, como a Federal de Uberlândia (UFU), em Minas Gerais, ou a de Santa Maria (UFSM), no Rio Grande do Sul. Também podia tentar a Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), hipótese descartada quando pesquisou sobre o município que abriga o campus e percebeu que era uma cidade tão pequena quanto a sua. Acabou indo para um lugar não muito distante: Goiânia.

Não se arrependeu da mudança de planos. Enquanto conversamos sob a sombra no lado de fora de uma das lanchonetes da própria UFG, Carol me diz que acabou gostando da instituição e do curso. “Desde pequena eu tinha a vontade de fazer veterinária”, recorda, reiterando a afirmação de que fez a escolha certa quanto à graduação. “Eu acho que é um curso *minha cara*.”

Carol agora vive em um apartamento que divide com mais duas mulheres, Alexandra e Bruna. Tem uma vida bastante corrida, estudando em um curso de graduação em período integral. Diariamente, sai de casa entre as 6h50 e as 7 horas da manhã levando nas costas uma mochila e, num dos ombros, uma pequena bolsa térmica, onde carrega a marmita com seu almoço. Pega o ônibus da linha 302 (PC Campus / Universitário / Marista), em direção ao Campus Samambaia, na região Norte de Goiânia. Ali, passa o dia inteiro. No fim do dia, pega o mesmo ônibus para fazer o caminho inverso por volta das 17h30 ou 18 horas, chegando em casa no início da noite.

O aplicativo para compartilhamento de fotos reflete a mudança de rotina, exibindo fotografias tiradas no campus da faculdade, junto a colegas de curso. Também estão visíveis na rede social as primeiras imagens de divulgação do livro em que seu conto está publicado, produzidas pela Delirium Editora, do Rio de Janeiro. Seu rosto aparece ao lado dos rostos dos demais autores e autoras, no primeiro anúncio daqueles

que foram selecionados para a publicação. Em outra imagem digital produzida pela editora, Carol aparece sozinha, ao lado de uma chamada para seu conto *Imersão do medo*. Outra foto mostra Carol sorridente, segurando seu contrato de publicação — assinado pelo pai, pois na época ainda tinha dezessete anos. São registros dos primeiros voos de uma garota que não queria viver a vida inteira no interior, mas sim conhecer outros mundos, ir além. Em 2018, Carol começou a voar. Na vida, se mudando para Goiânia sem os pais; na literatura, publicando uma história pela primeira vez.

Das histórias antes de dormir aos planos maiores

Carol Oliveira, que em registro é Ana Carlyne Borges de Oliveira, mas para os amigos e conhecidos também é apenas Ana ou Carol, cresceu com a literatura por perto. Talvez por isso a vontade tão grande de sonhar. “Sempre fui uma criança que sonha muito”, garante. A mãe, professora, lhe contava histórias antes de dormir, cujos acontecimentos Carol logo decorou e passou a completar por conta própria. A escrita, assim como a leitura, se desenvolveu desde cedo. Nos primeiros anos escolares, em aulas de produção de texto, Carol já escrevia suas próprias histórias, sempre “mais do que as linhas permitidas”, como ela mesma afirma, sorrindo.

O gosto pela fantasia como gênero literário veio por volta dos 12 anos, quando leu *As Crônicas dos Kane*, e foi influenciado pela prima Camila Cristina, que conhecia mais do gênero. Inspirados na mitologia egípcia, os livros do escritor estadunidense Rick Riordan não só despertaram em Carol o gosto por histórias fantásticas, como também a tornaram uma “leitora voraz”. Pela forma da escrita, que Carol define como leve e não complicada, Riordan se tornou, assim como J. K. Rowling, um dos escritores em quem Carol se inspira.

Mas há entre as inspirações de Carol uma jovem escritora brasileira. Graciele Ruiz, autora de *O Senhor da Luz* e *A Arqueira do Vento*, foi um verdadeiro marco em sua vida e passou a ser o principal motivo para que ela acreditasse na própria escrita. O motivo? Ser brasileira. “Porque eu sempre li muita literatura estrangeira, livros que não são daqui.” Ela, que lia principalmente livros de escritores estrangeiros, passou a ver a escrita de outra forma quando se encantou com uma fantasia nacional. Tinha então 14 anos. E nessa mesma época foi quando decidiu que seria escritora. “Depois que li o livro dela, eu vi que era capaz!”, afirma.

Estamos sentadas frente a frente, nas cadeiras da lanchonete Delícias do Campus, com uma mesa preta de plástico entre nós. Carol fala, eu anoto. Vou preenchendo com caneta azul as primeiras páginas pautadas do meu diário de escrita, comprado especialmente para os registros das entrevistas que venho realizando. Carol usa calça jeans clara, sandálias baixas com fivela nos calcanhares e camiseta do curso de Medicina Veterinária, branca com mangas azul-esverdeadas. Por sobre a gola, um colar dourado com um pequeno pingente em forma de coração que as vezes reflete a luz do sol. Está com seus óculos de grau, de acetato, cuja cor interna é quase a mesma das mangas da camiseta. Uma presilha com um laço de tecido prende a franja já crescida no alto da cabeça; a maior parte do cabelo longo e liso permanece solta e esvoaça quando há vento. No pulso esquerdo, um relógio analógico com pedrinhas brilhantes e uma pulseira com pingentes, ambos dourados. As unhas estão feitas em cor de rosa bem claro, com detalhes em preto e pingentes em forma de pedrinhas. Enquanto relembra a trajetória que a trouxe até aqui – até a universidade em que estuda, até a entrevista que fazemos sobre sua recém-iniciada carreira – Carol tem no rosto uma expressão sonhadora. Com

frequência, ergue o olhar para o céu com poucas nuvens, à minha direta, ou para algo por trás dos meus ombros. O prédio da Faculdade de Letras? São frequentes também as vezes em que ri, relatando os acontecimentos.

Estava no primeiro ano do Ensino Médio, no ano de 2015. Em uma aula de produção de texto, Carol começa a escrever, “do nada”, uma história. Muitas de suas ideias vêm assim, sem motivo ou origem aparente. Ela costuma anotá-las assim que pode. Naquele momento não era necessário, ela já estava escrevendo. Quando percebeu que tinha inventado algo muito maior do que uma redação colegial, procurou a professora, se desculpando. “Olha, professora, eu não concluí a história, vai me desculpar, mas é porque... Eu tenho planos maiores pra ela.”. A expressão *planos maiores* fica marcada na minha mente. Enquanto conversamos, ela faz certo mistério, não me diz sobre o que era a história. Revela que ainda a guarda até hoje, porque seria o seu *big*, o melhor que pode oferecer. No momento, o plano maior ainda está parado, à espera de ser levado adiante. Mas foi o primeiro passo de Carol, o momento em que afirmou: “Eu vou escrever e vou publicar!”.

Uma aventura proibida no oceano

Carol Oliveira soube do edital para a seleção de contos de *Sereias: Encantos & Perigos* por meio de Graciele Ruiz, que divulgou a iniciativa da Delirium Editora em sua conta no Instagram. São tempos maravilhosos para quem admira escritores brasileiros. Eles estão presentes na internet, e muito próximos de seus leitores. Estão nas redes sociais, curtindo, respondendo e compartilhando comentários, repostando fotos e resenhas; possuem seus blogs e canais no YouTube, onde fazem diários de escrita, recomendações de leitura e escrevem *newsletters*. Produzem podcasts, onde podem ser ouvidos. Carol Oliveira

já conhecia virtualmente aquela a quem tanto admira, mas não imaginava que um dia estaria autografando livros ao lado de Graciele Ruiz.

Escrever para concorrer à publicação numa antologia de contos era bem diferente. Havia um tema definido, algo que envolvesse sereias, e um prazo: de 31 de janeiro a 31 de março. O período de dois meses foi o principal fator que a levou a “forçar” um pouco as ideias. Um dia, sentou em frente ao seu computador, determinada. “Vou escrever.”. As ideias começaram a fluir, e começava a nascer a aventura de Lia, sua protagonista no conto *Imersão do Medo*. E embora tivesse começado sem saber muito bem o que fazer, ela tinha um objetivo em mente para sua história: queria algo que representasse uma mulher quebrando tabus de seu mundo.

E assim tinha origem a história de Lia: uma garota nascida em um reino que proibia a navegação para as mulheres. Fascinada por sereias, a protagonista entra de forma clandestina em um navio para descobrir a verdade sobre os seres que seu avô afirma ter visto no passado. Proibida de se aventurar, a jovem heroína o faz escondida. “Não tem nada que vá impedir a mulher!”, é o que afirma Carol.

Após a escrita, veio a insegurança. Nunca tinha enviado nenhuma história para uma editora. Como saber se seu conto estava bom? Recorreu então a Creuza Arrais, voluntária na escola em que a mãe trabalha em Itaberaí. Creuza, bem mais velha que Carol, já a havia ajudado antes com dificuldades em aulas de Português e tinha até opinado sobre a história que ela começara a escrever durante o Ensino Médio. Era a melhor pessoa para avaliar *Imersão do medo*. E ela, que sempre corrigia os erros de Carol, nem sugeriu mudanças dessa vez!

— Nossa, ficou incrível. Envia, ficou muito bom! — foi a opinião de Creuza.

E Carol, ainda com certa dúvida, enviou. O dizer popular “O não eu já tenho” foi o que a fez perceber que não custava nada tentar.

E na noite de 09 de abril, quando a Delirium Editora divulgou os resultados da seleção, ela tinha até mesmo esquecido que enviara sua história. Estava cansada depois de um dia na faculdade, preocupada com uma prova de anatomia para a qual precisava estudar, quando viu que havia recebido um e-mail. Quando leu, apenas se perguntou: “Meu Deus, como assim?” Começou a chorar. E a primeira coisa que fez foi ligar para a mãe, Cilene, o pai, Enio, a amiga Creuza contando a novidade e agradecendo.

— Eu sabia! — disse Creuza.

Os pais responderam que nunca duvidaram de que seu conto seria aprovado. Estavam orgulhosos. A mãe de Carol, ao comentar com as pessoas sobre a conquista dela, falava com aquele jeito de mãe que confia nos sonhos da filha.

— Quando eu li o conto eu já sabia que ele ia ser aprovado!

Veio então a revisão, outra etapa que Carol enfrentou muito bem. Flavio Oliveira, o editor da Delirium, entrou em contato com cada autor selecionado para *Sereias: Encantos & Perigos*, corrigindo erros e sugerindo alterações para as histórias. Carol reconhecia que ainda tinha muito a aprender. “Eu vi que aquelas alterações eram para melhorar o conto.”, relembra. Concordou com as mudanças sugeridas pelo editor, sabendo que a escrita é uma coisa que deve ser aprimorada. “Vi que a história ficou melhor. Ficou mais interessante com certas mudanças aqui e ali.”

Em dose dupla

A partir de 29 de julho, o Instagram de Carol tem registros da segunda coisa mais inesperada pela qual ela passaria por

causa da escrita. Junto com sua mãe, Cilene, e sua prima, Camila Cristina, Carol Oliveira viajou no dia 28 de julho para São Paulo pela primeira vez, ficando hospedada na casa de uma tia em segundo grau. Novamente estava voando. Mais alto, mais longe. Mas estava muito bem com isso.

— Você vai se assustar com São Paulo porque é muito grande! — disse Flavio, que apesar de viver no Rio, já estava familiarizado com a cidade.

Carol não se assustou. Esteve em lugares como o Theatro Municipal, o bairro da Liberdade, o Museu de Arte de São Paulo (MASP) e o Beco do Batman. E, nos dias 04 e 05 de agosto, o Pavilhão de Exposições Anhembi. Localizado na zona norte de São Paulo, o complexo cultural do Anhembi inclui o Pavilhão de Exposições, o Sambódromo e o Palácio das Convenções, e é considerado um dos maiores centros de eventos da América Latina. É no Pavilhão de Exposições que se realiza a Bienal do Livro. No sábado, por volta das dez da manhã, uma fila enorme já dava a volta desde a entrada, atravessando o estacionamento e continuando do lado de fora. Os fins de semana são os dias mais movimentados do evento. É quando há lançamentos de livros, sessões de autógrafos, palestras e debates com os convidados mais especiais. O fluxo de gente é tão grande que o evento disponibiliza transporte gratuito, em ônibus que rodam o dia inteiro, partindo das estações de metrô do Tietê e de Barra Funda.

Carol, Cilene e Camila chegaram ao local de carona, no carro de um dos primos distantes. Foi junto com a mãe para a entrada de credenciados enquanto Camila, que entrava com um ingresso, ia por outro lugar. Ver a própria credencial de autora era uma confirmação de que aquilo tudo estava acontecendo. Passar pela catraca e adentrar o espaço era como entrar no paraíso! Um paraíso de livros por toda parte, de pessoas que andam com malas de rodinhas pelo peso das compras, de

jovens fantasiados como seus personagens favoritos, de estandes lotados com fila para tirar fotos em painéis e para chegar ao caixa. Carol esteve na poltrona rodeada de pilhas de livros no chão e livros flutuantes da Editora Pólen, na mala aberta de Newt Scamander, no Trono de Ferro de Westeros e na toca de um Hobbit. Ler, afinal, não era isso? Ser levada a lugares incríveis sem sair fisicamente de onde estava.

O dia passou voando. E quando as seis horas se aproximaram, veio aquele frio na barriga, aquele nervosismo. Carol, Cilene e Camila já estavam em frente ao estande da Rico Editora, que cedera o seu espaço por uma hora para nosso pequeno evento, quando me dirigi até lá. Eu e Carol fomos apresentadas por um Flavio ansioso e empolgadíssimo. Carol parecia tão nervosa e ansiosa quanto eu, e foi a primeira dos demais autores de *Sereias: Encantos & Perigos* que conheci pessoalmente.

A sessão de autógrafos foi uma loucura. O espaço era apertado e havia muitos livros para serem autografados por várias mãos – oito, ao todo. Em semicírculo, nós passávamos os livros de um para o outro. Carol era a terceira na ordem que criamos pelo acaso para as assinaturas. No meu exemplar autografado pelos colegas de publicação, ela diz: “Com amor, Carol Oliveira”, o final da letra C fazendo uma longa curva por cima do R, do I e do E de “Oliveira”. Há um pequeno coração no espaço entre as palavras.

O período de uma hora da sessão de autógrafos passou rápido, rápido demais. Para Carol, ainda hoje é difícil descrever a sensação de ter estado lá. E o melhor era conhecer os outros autores da antologia, principalmente Graciele Ruiz. “Pensa, você conhecer sua inspiração ali, uma das suas inspirações, foi maravilhoso!”, reforça. Carol já havia dito a Graciele, via mensagem direta por uma das redes sociais, que ler o livro dela a havia feito acreditar mais em si mesma, mas ali, pessoalmente,

a timidez não lhe permitiu reafirmar pessoalmente a admiração.

O dia 04 de agosto de 2018 foi para Carol Oliveira, sobretudo, a realização de dois sonhos. Estar na Bienal do Livro e ser escritora. Um sonho realizado em dose dupla.

Para o futuro

É uma tarde quente de segunda-feira enquanto conversamos, sob a sombra de uma árvore no lado de fora de uma das lanchonetes do Campus Samambaia. O fim de agosto já se aproxima com o clima seco de transição entre inverno e primavera da região Centro-Oeste. Em algum momento enquanto conversamos, entre risadas, perguntas e respostas, um dos muitos macacos-prego que vivem no campus da UFG se aproxima de onde estamos e bebe água do chão junto ao cano que desce escorado à parede. A presença do macaco é tão familiar quanto conversarmos sobre evento em que estivemos juntas e do livro do qual participamos.

Carol me conta seus planos para o futuro. Algum dia terminará de escrever sua história iniciada aos 14 anos. No momento está escrevendo uma novela, que deve integrar a coleção de histórias *retrô* da Delirium Editora, um dos muitos projetos novos de Flavio Oliveira. É um pouco difícil equilibrar a escrita com a rotina de estudos, pois passando os dias inteiros na faculdade e sempre precisando terminar alguma tarefa ou estudar mais em casa, Carol tem mais tempo apenas nos fins de semana. É quando sua escrita rende mais. A nova história ainda não tem título e tudo o que ela pode me dizer é que acontece durante a Segunda Guerra Mundial. Carol também está saindo da zona de conforto, ao escrever uma história realista. Fugir um pouco da fantasia, sua verdadeira paixão, é difícil – mas ela diz gostar de fazer coisas diferentes.

Ela está satisfeita com o que tem aqui, agora. Pulicar um

conto na primeira tentativa já foi uma grande conquista. Está empenhada em levar adiante o sonho da escrita, estudar, se aprimorar. Parece que tudo se encaminha para a realização de vários outros sonhos.

Fragmentos de universos



Dheyne de Souza Santos. Com pronúncia assim diferente, *djeine*. Assino enquanto poeta nos meus livros e no meu blog os dois primeiros nomes, Dheyne de Souza. Goiana em todos os sentidos. Tocantins? Era Goiás em 1983. Minha família foi de Cristalândia a Vianópolis, eu ainda tinha dois anos. Então goiana. A vivência interiorana. Cidade pequena, família conservadora, criada para casar.

*

A sala do apartamento no Setor Oeste, o espaço dividido entre telas de Helô e meus livros, a mesa pequena encostada à parede. No centro, a rede amarela atravessada em diagonal, no parapeito da janela as inúmeras plantas. As xícaras pretas sobre a mesa, o pote de açúcar. É uma tarde de quinta e a menina à minha frente ouve e anota, ouve e anota. O celular, a gravação de nosso diálogo, o caderno, as canetas. Atrás de mim, ela olha por cima dos meus ombros, meu altar de Hilda Hilst, a pequena estante de prateleiras embrulhadas em papel estampado, com os livros da poeta e escritora e inúmeros livros teóricos sobre sua obra. Um deles, recém-lançado na Feira Literária Internacional de Paraty, leva um texto meu. *A porca revolucionária* com sua capa cor de rosa e ilustrações mescladas como colagens.

*

As pessoas perguntavam a cor da minha voz. Eu não falava. Não sabia verbalizar anseios e questionamentos. Era tímida, tão tímida. Não tinha com quem dialogar. Descobri literatura

com os livros de minha mãe, *Sabrina, Julia*¹, o que tinha pra ler. Mãe tinha também os livros de *bang bang*, desses eu não gostava. E lia também a Bíblia. Mas buscava algo maior, que não sabia expressar. Um livro que ensinasse a viver, a tomar decisões, que ensinasse a gente a seguir nossa própria verdade... E tinha uma curiosidade muito grande, uma ânsia de me desvencilhar. Não queria o mundo de minha mãe, submissa, junto de meu pai e meu irmão.

*

Ser mulher é uma luta diária. Hoje tento olhar com mais força para que a luta continue. Machuca o fato de você ser mulher te diferenciar em alguma coisa. Está no cotidiano, em pequenos aspectos, alguns comentários, coisa besta mesmo. É ir numa oficina mecânica porque o carro tem um barulho estranho, e não olharem para você, mas sim para o seu companheiro. *Eu tô ouvindo um barulho estranho no meu carro*. E respondem “Não, você deve estar enganada”. Por quê? O ouvido da mulher é diferente do ouvido do homem?. É numa coisa assim pequena que está o machismo, coisa pequena que na verdade é grande porque as coisas pequenas constituem um núcleo machista que estrutura a sociedade.

*

Fui criada para casar. Com 13 anos sabia bordar, fazer crochê, os trabalhos manuais que se esperam de uma mulher prezada, segundo a tradição. Tradição questionável. Mas eu era curiosa, gostava de aprender. Comecei um curso de costura, mãe me disse que eu tinha de fazer o curso para aprender a

¹ Coleções de livros de romance publicados no Brasil pela Editora Nova Cultural, assim como a coleção Bianca, no fim da década de 1970. As publicações eram voltadas para o público feminino e eram caracterizadas pelo final feliz, fazendo grande sucesso. REDAÇÃO. “*Sabrina*” muda (pouco) no nº 1 ao 1.000. In: *Folha de São Paulo*, 31 de janeiro de 1998. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq31019808.htm>>. Acesso em: 15 de novembro de 2018.

costurar a barra das calças do meu marido. Nunca mais voltei no curso! Eu tinha 13 anos. Já perdi minha mãe, ela faleceu em 2009. Hoje penso que eu não devia ter deixado aquele comentário destruir uma coisa que eu gostava. Minha mãe só queria um argumento para me convencer a continuar. Ano passado retomei a costura. Comprei uma máquina, vou aprendendo pelo YouTube, sabe?

Escrevi um poema sobre a perda da minha mãe. Chama *Intervalo*². É muito grande a falta que fica.

*

*eu posso apontar a parte de mim que te perde,
o vão que de mim se consome,
a mão que do teu ar ressona*

*eu posso emprestar a dor que do meu olho sobra
o canto que do meu lábio morre
a voz que é silente nas horas*

*e dessa ausência que é carne, calar.
e desse tempo que cai,*

engolir.

*

Sempre tive muita curiosidade, muita sede de sair e me desvencilhar. Nunca tive intenção de me casar. É claro que isso muda com o tempo, a gente encontra alguém que não tem esse vínculo machista. Meu companheiro me fez despertar essa vontade de viver com alguém sem aquele ranço machista que deixa um trauma na gente. Porque não deixa de ser um trauma.

² DE SOUZA, Dheyne. **Intervalo**. In: *Dheyne de Souza*, 09 de setembro de 2009. Disponível em: <<https://dheyne.wordpress.com/2009/09/09/intervalo/>>. Acesso em: 24 de setembro de 2018.

*

*o tempo é isso que escorre
trinca
que amanece perene?
o vestido, a escola, o salão
o tempo uma folha seca
beijada no caule.*³

*

Eu tinha 13 anos quando escrevi meu primeiro livro, era bem pequenininha. Tenho ele até hoje na casa do meu pai em Vianópolis. Comecei a escrever poemas. Eu era sozinha, não tinha com quem conversar sobre literatura. Às vezes um professor me ajudava, mas era só isso. Quando comecei eram uns poemas assim românticos. Não contava nem mostrava pras pessoas. Uma vez li um poema na sala de aula, a professora elogiou. Foi a primeira vez que recebi um elogio de algo que fiz e realmente me orgulhava. Nessa época eu escrevia muito, muito mesmo. Aos 15 anos já devia ter escrito uns quatro livros, que se perderam porque eram horrorosos. Minha escrita era despretensiosa, escrevia por necessidade de escrita, necessidade de expressão. Sempre mantive diário. A escrita era minha forma de me comunicar e entender como o mundo funcionava.

*

Queria sair daquela estrutura, conhecer outras coisas. Comecei a estudar possibilidades, a forma de sair de Vianópolis seria passar no vestibular. Tentei UnB, UFG. Passei, isso foi muito importante para mim. Vim morar em Goiânia aos 19 anos, em 2003. Bacharelado em Literatura. Minha mãe sempre me incentivou muito o estudo. Vir pra cá foi um embate, minha mãe precisou ir adaptando a ideia na cabeça do meu pai.

³ DE SOUZA, Dheyne. **O tempo é que escorre**. In: DE SOUZA, Dheyne. *Pequenos mundos caóticos*. Goiânia, Plágus Editora, 2011. Pág. 16.

Fiz de tudo pra vir pra cá. Vianópolis era tão pequena! Eu tinha tanta inibição e tanto desajuste social, não me encaixava em lugar nenhum. Depois que eu entrei na universidade comecei a pensar *Aqui tem gente que fala uma linguagem que eu gosto de ouvir*. Literatura, arte, cinema. Isso abriu muitas possibilidades, porque eu não conhecia muita coisa. Descobri a Filosofia, que era o que eu buscava na adolescência sem saber que existia. E compreendi que não existe uma verdade única.

*

Tive uma rápida passagem por Curitiba, de 2012 a 2014. Queria aproveitar o ambiente artístico da cidade. Era grandioso, tinha muitas possibilidades. Sempre me perturbou muito o fato de Goiânia ter um ambiente artístico muito recluso. Não ter tantas oportunidades de filmes, espetáculos, cinema, teatro, todas as artes. A arte sempre me interessou. Quanto menos eu tenho contato com arte, menos eu escrevo. Qualquer tipo de arte é motor, é o que me move. Mas em Curitiba eu fiquei muito sozinha. E por mais que frequentasse museus, cafés, eu trabalhava demais. Trabalhava como redatora numa agência de publicidade e acabei diminuindo minha escrita. Eu tinha ido até lá pra viver mais a arte, mas o trabalho me consumia.

*

Encontrei também muito conservadorismo em Curitiba. Tinha a questão de eu ser negra, mulher, independente... Parece que eu não estava sendo muito bem aceita. Claro que Goiás também tem muito conservadorismo.

*

Fiquei com muita vontade de voltar. É legal às vezes sair do seu ambiente, porque enquanto tá dentro, você só enxerga os defeitos. E aí quando sai... Eu aprendi que gostava daqui quando estava fora. Voltei com muita consciência de que a forma como as pessoas se tratam aqui é muito bonita. O capital humano

aqui é muito grande. As pessoas são muito gentis, solícitas, preocupadas. De um modo geral eu gosto da cultura daqui, talvez pela minha identificação, por ter crescido em família humilde do interior. As pessoas se conheciam, se ajudavam, era aquela coisa mais comunitária. Percebi que esses são valores humanos que me interessam muito, e são valores que eu acabo trazendo pra minha escrita. Pra mim a escrita vem muito do cotidiano.

*

*na aridez dos dias
dorme
sob lençóis úmidos
um olho trêmulo
outro lúcido
o poema
sem roupa
espera
uma vida
menos⁴*

*

Quando me mudei pra Goiânia, tive mais contato com um amigo, o André de Leones, também escritor. Quando eu tinha 16 ou 17 anos ele morava em Silvânia e namorava uma prima minha. Já vivendo em Goiânia comecei a mostrar meus textos pra ele. “Dheyne, não tá bom ainda mas eu vejo que é uma coisa que vai melhorar”, ele dizia. Minha escrita tinha resquícios de uma literatura um pouco complicada. O André me incentivou a criar meu primeiro blog. “Você tem que escrever! Põe pro público, que aí você tem retorno, você comunica... Você é escritora!”. Eu não tinha coragem, mas ele me incutiu tanto.

⁴ DE SOUZA, Dheyne. **Boletim**. In: *Dheyne de Souza*. 13 de janeiro de 2018. Disponível em: <<https://dheyne.wordpress.com/2018/01/13/boletim/>>. Acesso em: 24 de setembro de 2018.

Fizemos um blog juntos, o nome era *Incontiência poética*. Eu publicava, ele publicava, ele sempre comentava meus textos, me incentivava. Depois de um tempo ele viu que eu já dava conta de ter o blog sozinha. Ele saiu do *Incontiência poética* e eu continuei. Depois de um tempo parei, fiquei um tempo sem ter blog e só então criei o de agora, <dheyne.wordpress.com>. Hoje eu e o André já não somos mais tão amigos, a gente se distanciou, mas ele foi importante pra mim porque me incentivou a criar o blog.

*

Desde pequena eu era muito curiosa. Gosto muito de experimentar coisas diferentes. Fiz Artes Visuais, fotografia, dança... A Filosofia me dava muitos caminhos, muitas verdades.

*

A época em que entrei na universidade foi uma época muito produtiva, foi quando escrevi *Ana & As Cartas* e a maioria dos poemas de *Pequenos Mundos Caóticos*. Escrevi também outros dois livros, *Viagens a Santiago* e *A Parlenda da Menina Rima*.

*

Pequenos mundos caóticos é uma seleção de vários poemas que eu escrevo de 2004 a 2011. A Goiandira Ortiz, que me orientou na graduação, foi quem me incentivou a publicar. Ela me falou assim um dia: “Dheyne, vamos publicar seu livro! Está saindo aí a seleção *Goiânia prosa e verso*! Publicação gratuita, você vai ter a oportunidade de ter um livro, pra ser visível...”. Não, tenho vergonha! Mas ela me convenceu, ele foi publicado em 2011. Acho que se ela não tivesse me dado esse empurrão, eu nunca teria publicado. Ainda tenho um exemplar. Vários poetas foram publicados nessa coleção.

*

A menina olha o exemplar de *Pequenos Mundos Caóticos* publicado pela coleção *Goiânia prosa e verso*, de capa bran-

ca com uma faixa roxa descorada no lado direito, com selos da prefeitura de Goiânia, Editora Kelps e Editora de Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Goiás. Abaixo de meu nome e acima do título, uma versão reduzida da obra *Transcendência*, de Carmelita Araújo.

*

Muita gente teve acesso ao livro, eu comecei até a me dar mais seriedade depois disso. Os poemas estão na ordem cronológica porque eu não sabia como fazer uma organização, e ele é muito feio, com diagramação meio desconfortável, mas eu gosto. Se fosse republicar, tiraria alguns poemas. A versão em e-book no meu blog é idêntica a essa versão física, só muda mesmo a capa. Wilton Cardoso, outro poeta goiano com quem eu já trabalhava, me propôs: “Dheyne, vamos fazer um e-book?”. Foi uma publicação independente. Foi o Wilton também quem criou a editora dos e-books, a *Plágius*. Ela é isso, um plágio. É uma editora fictícia.

*

Wilton, estou escrevendo uns poemas, umas cartas, que você vai achar muito doido, falei um dia. “Dheyne, o que você está aprontando?”. Tem uma personagem que sempre me acompanha, ela se chama Ana. Às vezes eu to escrevendo, ela aparece, como se tivesse uma personalidade independente que é só dela. Nessa época ela estava nascendo, mas eu não escrevi como se fosse a Ana. Escrevi como se fosse amante dela, na condição de homem ou mulher, e cada carta que a Ana recebia, que eu escrevia, era um amante que escrevia pra ela.

A minha perspectiva com essa ideia era trabalhar assim as visões que se tem de uma pessoa. Então eu tenho uma personagem, em vez de falar por dentro da personagem, eu quis falar pelo olhar de quem via a personagem.

O Wilton falou assim: “Dheyne, adorei a ideia! Eu posso es-

crever as cartas como se eu fosse a Ana?”, e eu falei: *perfeito!* O Wilton escreveu. Então no livro, as cartas dos amantes foram escritas por mim, e quando a Ana responde, são textos do Wilton. E cada carta dos amantes tem um estilo diferente. Esse livro tem dois tipos de autores, porque são visões diferentes.

*

Eu gosto de questionar a verdade, de trabalhar com questão de caráter... Também trabalho muito a questão da linguagem, brincar com a língua, fazer fragmentação, rasgo sintático... Às vezes faço texto sem pontuação alguma, quebras que incomodam. Quando vou escrever prosa, abduco um pouco da fragmentação, porque aí eu quero brincar com enredo, personagens, vozes. Às vezes é como se estivesse burlando um tipo de regra. Eu gosto de brincar. Tem textos que são todos em letra minúscula, independentemente de ponto. Em outros eu respeito ponto final e inicial maiúscula. Tem textos que eu misturo. Mas depende muito do poema, da prosa, do prosema... Por que digo prosema? Na academia existe a diferença entre prosa e poema, mas hoje em dia é muito difícil você delimitar, porque existe poema em prosa. E aí pra eu tentar brincar com essas nomenclaturas que são muito fugidias, não tem muitas fronteiras, eu gosto de misturar: poema com prosa vira prosema.

*

*o abraço que rega meu colo tem a cor de um sopro. e é com esse hálito que quebro as retinas, preencho o caminho, e me calo. e o olho que me diz outro sem uma palavra. como se brisa aqui sempre, como se aparasse nesse muro de mundo um urro. que pétala o chão. os buracos mais rasos. a fala. escassa. as horas. um selo derramado no lençol, úmido.*⁵

*

⁵ DE SOUZA, Dheyne. O selo. In: DE SOUZA, Dheyne. Pequenos mundos caóticos. Goiânia, Plágus Editora, 2011. Pág. 79.

Viagens a Santiago foi uma parceria muito feliz com o Santiago Régis, um ilustrador que eu conheci quando fazia Artes Visuais. “Eu faço ilustração, você escreve. Vamos fazer um livro?”. Ele é um ilustrador maravilhoso, hoje mora em Minas, trabalha pra alguns escritores importantes. Eu escrevi os poeminhos meio literatura infanto-juvenil, e ele fez umas ilustrações maravilhosas. Assim como *A parlenda da menina rima*, é um livro que eu considero que foge do tipo de linguagem poética que eu trabalho. Mas é muito bonita a presença das ilustrações do Santiago, a forma como ele conseguiu uma coisa tão bonita no que eu escrevi.

Eu não diria que é literatura infanto-juvenil, porque pode ser lido por adulto e todos nós podemos ser crianças em qualquer tempo. Não é muito a minha identidade poética, mas foi um trabalho muito gostoso de fazer.

*

Quando veio a ideia do e-book, eu achei fenomenal, falei, *Nossa, maravilha!* Porque minha maior vontade era de que meu texto, bom ou ruim, fosse lido. Infelizmente o mercado editorial brasileiro é injusto em todos os aspectos. Injusto com quem compra, com editor, com escritor. Eu não queria ganhar dinheiro com literatura, isso seria uma utopia. Foi tranquilo disponibilizar na internet. A pessoa não precisava ir na livraria, comprar o livro. Ela podia ler na internet. Não me arrependo. Acho muito positiva a internet, o e-book, porque acho que não elimina leitura, soma.

*

Acho que o *Dheyne de Souza* está no ar há uns 10 anos. Quando eu comecei, a gente lia muito blog. Era uma coisa assim: a gente se encontrava: *Oi, tudo bem? Eu fiz um blog! Me passa que eu vou ler.* Os blogueiros até faziam encontro na época. A gente fez um aqui em Goiânia que chamava *Blogarte*, no

S4 Bar. Foi nessa época também que as pessoas começaram a me convidar pra publicar. Participei de revistas literárias em forma de blog. *A Histórias possíveis* tem um livro publicado, com textos de alguns escritores de Goiânia. Hoje não publico mais nela. A gente se distancia de algumas coisas. Tínhamos também uma revista chamada *Ruído branco*, essa talvez ainda esteja no ar. Pessoas como o Wilton Cardoso, Patrícia Ferreira, Wesley Peres, André de Leones, Reginaldo Mesquita... Tinha um que era Luciano... esqueci o sobrenome. Havia vários nomes ali envolvidos assim e era uma revista que não era só de poemas e não era só de prosa. Era de várias artes. Às vezes também tinha texto teórico, não só literatura.

*

A situação atual do país é uma coisa que tem me tirado muito a tranquilidade. Eu acho que todos os artistas estão perturbados. Acho que as pessoas de modo geral estão. Mas eu acho que é um tempo muito sombrio e isso meio que prende a respiração assim, te dá um pouco de espasmo, na escrita... Eu tô com umas ideias de escrita pra um poema, deve ter mais ou menos uns quatro dias. Eu não consigo sentar e escrever. Minha voz embarga. Porque está difícil aguentar esse período aqui no Brasil. Está um pouco difícil, eu tenho tido muitos espaços em branco. Mas aí o que eu acho interessante é que quando eu consigo escrever, eu gosto. Já teve vez de eu ficar muito incomodada porque não estava escrevendo, porque é desesperador, a escrita pra mim é meu motor. Então se eu não estou escrevendo, eu estou desesperada pra escrever. E se eu estou escrevendo eu quero fazer só isso. Então é sempre um lugar de desconforto. Digamos no sentido bom. Se eu estou escrevendo as vezes me falta tempo, se eu tenho tempo e não consigo escrever, então vem o incômodo, mas assim eu não vejo isso como uma coisa ruim, eu acho que o incômo-

do é bom. Mas antes eu ficava assim, ficava muito... no ócio de escrita. Se eu ficava sem escrever, eu ficava num desespero muito grande, num incômodo muito grande... Então tentava, não gostava, apagava, escrevia de novo. Eu já sou menos assim. Ainda me incomoda, ainda me desespera, mas eu começo a filosofar sobre o desespero, o incômodo, para ver se isso engendra em algo. Pelo menos um personagem. Por exemplo, eu to trabalhando num personagem agora, um personagem que eu to trabalhando há o quê? Quantos anos? Uns quatro anos. Ainda não sei o quê que eu escrevi. Que é um romance que eu tenho em mente. E eu não consigo sentar pra escrever, mas o personagem tá aqui, sabe? Tô caracterizando, tô observando muito a personalidade... Então... eu acho que a hora que der, a hora que o tempo permitir, eu consigo escrever.

*

Eu acho que a Ana foi surgindo na verdade bem aos pouquinhos assim. Aparecendo... Em primeiro lugar principalmente por conta da sonoridade do nome Ana. Que eu acho fácil, eu acho que eu tenho um pouco de implicância com meu nome, não sei se eu já te falei isso. É um nome difícil tanto de escrever como de falar. E aí eu fico sempre pensando: *Gente, meu nome podia ser Ana! É um nome tão mais fácil!* Mas eu acho que a personagem foi surgindo aos pouquinhos. E a Ana é uma personagem que eu não tenho controle nenhum dela. Ela aparece quando quiser. Quando eu falo “quando quiser”, eu não tô falando de inspiração. Estou falando de eu olhar pra determinada coisa, olhar, por exemplo, pruma planta e ficar imaginando como a Ana se comportaria diante daquela planta. Ela pode ficar emocionada? Às vezes, sabe, aparece esse tipo de concatenação.

*

Minha vida está meio badernada. Eu não estou ainda conseguindo me assentar direito, fugir um pouco do mundo exterior

pra poder compenetrar e escrever. Mas as ideias estão pulando, tenho algumas ideias em mente. No blog eu tenho sido bem relapsa na publicação. Eu publico um poema ou outro... Não tenho conseguido o mesmo ritmo de escrita de alguns anos atrás, assim eu tenho tido muitos espaços em branco.

*

Eu não tenho a mesma perspectiva que eu tinha antes, meu olhar modificou depois que eu vivi em Curitiba por um tempo. Eu realmente não gostava. Eu odiava o fato de em Goiânia ser tão difícil, tanto divulgar arte como fazer arte como circular arte. É claro que ainda o ambiente aqui é muito mais restrito que o eixo São Paulo, Rio, Brasília, Curitiba, né. É bem diferente. Só que hoje, eu olho e falo: muito é da nossa cultura. Porque com certeza tem um filme bacana agora no Cine Cultura. Quem sabe disso? Então não é só não existir. É a falta de divulgação, a falta de relevância, a falta de valorização. Principalmente da parte do governo... E também da população, que fica mais passiva, né. Quem é que vai sair de casa pra ir no Cine Ouro, por exemplo? Eu não sei se está tendo alguma coisa, mas eu frequentava o Cine Ouro... Por quê que eu não vou? Não é culpa do lugar, que provavelmente tem coisa bacana. É culpa minha também de não acessar. Então hoje eu olho para isso com menos ranço. Antes eu tinha mais raiva de não ter nada aqui em Goiânia. Hoje eu não falo pras pessoas que não tem. Eu falo que infelizmente não há hábito de cinema, não há hábito de teatro... não há divulgação. E aí assim é todo um sistema, não só o cidadão e não só o Estado: ambos. É bem mais complicado. É claro que não tem como comparar com o que acontece em São Paulo, que todo dia acontece uma coisa e as vezes mais de uma coisa. Aí é... uma cidade do porte de São Paulo, uma cidade do porte e da idade de Goiânia, mas enfim. Hoje eu considero mais fatores.

Aqui em Goiânia, como eu tinha falado, tem um capital humano enorme. E tem escritores muito bons. Eu conheço muitos assim. Só que infelizmente, normalmente esses escritores ou deixam de escrever porque têm que fazer outras atividades, ou saem de Goiânia.

*

Muita gente às vezes lê alguns poemas meus e considera como eróticos. Mas as vezes me incomoda quando alguém fala que são eróticos, porque eu acho que eu faço muita brincadeira... Por exemplo, termos como “língua”, que tanto correspondem a uma parte do corpo humano que pode conter uma zona erógena ali; como corresponde à Língua Portuguesa, eu gosto muito de fazer esse trocadilho, porque eu gosto muito de trabalhar a linguagem no sentido como se fosse sexual o tratamento com a poesia pra mim, sabe? É muito de conexão, é como se eu tivesse amando a língua e descarnando a poesia assim. Eu gosto muito dessa metáfora mas é muito mais relacionada à Língua Portuguesa, do que ao campo erótico.

*

*Sublinharia à língua seu nome ao peito,
sobrepondo-me sibilo a tatuagem.
Comporia odes odisseias meles teias a sua pele.
Quebraria células venenos véus infernos na sua boca.
Beijaria sal cisterna cais nos seus rostos.
Eu te amaria os céus do teu silêncio em fogo.
Eu te amaria o fel com meu
hálito brasa corvo.⁶*

*

Machado de Assis fez muita parte da minha escrita, Clarice Lispector... O Álvares de Azevedo na época que eu era adoles-

⁶ DE SOUZA, Dheyne. Sublinharia à língua seu nome ao peito. In: DE SOUZA, Dheyne. Pequenos mundos caóticos. Goiânia, Plágus Editora, 2011. Pág. 9.

cente. Hoje em dia eu gosto muito, muito mesmo de literatura contemporânea. Eu gosto de descobrir Amós Oz, Phillip Roth, Hilda Hilst... Eu tenho lido muita prosa! Por mais que seja a poesia que me tira mesmo na escrita, que é onde eu acho que mais me sinto feliz. Mas eu tenho lido muita prosa. Hilda Hilst é uma das poetisas que eu mais gosto, talvez justamente porque a prosa dela é muito poética. Eu estudo a prosa dela no mestrado. No doutorado que eu vou fazer também. Eu acho que a prosa tem me levado a algumas reflexões sobre a própria linguagem poética. É possível misturar. Nem sempre tudo tem enredo, nem sempre tudo tem rima... E às vezes tem misturado, sim.

*

Eu desconfio que o material impresso tem mais legitimidade. Mas eu não acredito muito nisso não. Eu acho que tem muita produção na internet muito melhor do que algumas coisas impressas. Mas vai muito do meio. Às vezes você não tem a possibilidade da impressão.

*

Eu tenho ideia de escrever um livro chamado *Cartas à mãe*... Que está aqui na minha cabeça ainda. Mas uma hora vai dar certo. Eu tô esperando essa hora chegar. Mas eu não quero ficar pressionando não, a pressão não funciona. Estou tentando compreender esses momentos de distância da escrita como proximidade da reflexão. Mesmo filosófica. Eu tenho gostado muito de fazer reflexão filosófica por trás do trabalho com a linguagem na minha literatura.

Tenho um contrato com uma editora, que é a Martelo Casa Editorial. Estava pensando em republicar *Pequenos mundos caóticos*. Uma edição menor, mais artesanal, mas a gente ainda está estudando. O livro novo, o *Lâminas*, deve sair esse ano, já estamos organizando tudo. Estou tão empolgada! O meu companheiro, Helô, é quem vai fazer a capa. E acho que a seleção

vai ser mais madura, especialmente em relação ao *Pequenos mundos caóticos*. Porque tem poemas lá que eu gosto demais! Que eu falo *Tenho orgulho de ter vivido pra ter escrito isso!* Tem outros que eu não gosto muito, então pode ser que a gente vá tirar ainda alguma coisa. Eu acho que com relação a *Pequenos mundos caóticos*, ele tem um trabalho de linguagem bem mais denso. E mais filosófico. Mas ainda tem muita coisa com as metáforas da língua, as metáforas do corpo, sendo corpo humano e corpo da linguagem... Você vai lendo todos os poemas e consegue extrair uma poética mais uniforme, talvez, ou pelo menos mais identitária.

Tenho outro livro, também, *Enquanto Caio*, para publicar...

*

*que há sempre uma verdade carcomendo as bordas
assaltadas
do silêncio roto.*⁷

⁷ DE SOUZA. Dormências. In: Dheyne de Souza, 25 de agosto de 2015. Disponível em: <<https://dheyne.wordpress.com/2015/08/25/dormencias/>>. Acesso em: 24 de setembro de 2009

Contemplativa e polissêmica



Ninguém, nenhum dos escritores e intelectuais goianos, entendia como Lucivânia Fernandes havia permitido um texto daqueles como prefácio de seu livro de estreia. O autor do texto, o jornalista e crítico literário Claudiomar Ribeiro Shinaider, se dizia genuinamente surpreso com a qualidade do romance *Cartas que não te escrevi*, pois quando o leu, esperava que fosse “só mais um desses livrinhos medíocres escritos por mulherzinhas bonitinhas e ordinárias aqui em Goiás”.

Hoje em dia, pessoas rebatem declarações públicas de outras pessoas gravando vídeos-resposta no YouTube; dezoito anos atrás, publicavam artigos de opinião em jornais. O primeiro a responder Claudiomar Shinaider, via artigo publicado no *Jornal Opção*, foi Itamar Pires Ribeiro, autor do texto das orelhas de *Cartas que não te escrevi*. A comunidade local ficou mais atenta. Então Claudiomar fez sua tréplica, com críticas à literatura goiana como um todo. Foi aí que todos se revoltaram. As pessoas se enfureceram, tomaram raiva do crítico. Mas continuavam sem compreender como uma coisa daquelas podia ter acontecido. Havia algo de estranho naquela história toda.

Lucivânia Fernandes havia escrito, entre os 21 e 24 anos de idade, uma história sobre uma moça que, para recusar o convite de um rapaz para sair, inventou uma desculpa. Sairia com uma amiga. Esta, por sua vez, não existia, mas o rapaz jurava ter visto as duas, por coincidência, em algum lugar da cidade. O tema geral discutido era a diferença entre realidade e ficção.

E quando o livro estava prestes a ser publicado, Itamar Ribeiro perguntou a Lucivânia se não ia procurar alguém para prefaciá-la sua história. E Lucivânia fez o que lhe parecia mais adequado para a ocasião: inventou um crítico.

A epígrafe de seu livro era uma citação do conto *Putois*, de Anatole France, em que “tem um personagem que não existe dentro de uma cidadezinha, mas a quem todo mundo atribui roubos que acontecem na cidade, moças que engravidam... Tudo é atribuído a esse Putois que não existe, é um personagem”, conta a autora para a jovem jornalista que lhe pergunta o motivo de sua decisão. No conto, Anatole France faz uma reflexão sobre como às vezes as pessoas imaginam personagens míticas, que nunca existiram, e que têm mais influência sobre as pessoas do que aquelas figuras que de fato existiram. O autor francês ainda vai longe, se estendendo até Jesus Cristo. Quem poderia garantir sua existência? Esse é um tema que atraía a jovem Cássia Fernandes, que então assinava com seu primeiro nome, Lucivânia. E por isso, foi necessário criar Claudiomar Shinaider.

O homem era um jornalista especializado em marketing pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), teria nascido em Formosa, interior de Goiás, e viveria em Brasília há vários anos. Lucivânia – ou Cássia, como prefere ser chamada hoje – se preocupava em criar para ele uma biografia. Não estava fazendo nada novo ao inventar um crítico: vários escritores no passado, especialmente mulheres, recorreram ao uso de pseudônimos por diversos motivos. No caso delas, por não poderem escrever. Mas Cássia não queria imitá-las, nem mesmo confrontar algo ou alguém. Apenas lhe parecia natural que, para opinar sobre uma história em que uma pessoa engana alguém ao criar uma terceira pessoa, ninguém melhor do que alguém que não existisse de verdade. E porque o mundo da literatura tem desde sempre um olhar preconceituoso sobre a produção da mulher,

esse alguém era abertamente machista. E assim nasceu Claudiomar.

O mais notório personagem de Cássia Fernandes representava a forma como ela esperava que seu romance seria recebido. “Se ainda hoje existe preconceito, imagine 18 anos atrás”, reflete, referindo-se à recepção de obras literárias escritas por mulheres. Hoje, numa época em que existe um movimento que incentiva a leitura dessas obras¹, ela percebe que pouco as líamos. Homens são o cânone. São os autores dos clássicos da literatura universal. Leitora de livros clássicos e romances do século XIX, Cássia enumera escritores que conseguiram escrever boas personagens femininas, como D. H. Lawrence, com *O amante de Lady Chatterley*, Flaubert, com *Madame Bovary*, e Tolstói, com *Anna Kariênina*². Ela reconhece que não se pode julgar obras de grande valor literário apenas por essa perspectiva, mas que os homens sempre escreveram sobre mulheres como seus objetos de amor. No romantismo, o anjo, a figura de pureza sem sexualidade. No realismo, a crueza da humanidade, com mulheres adúlteras que são punidas com a morte. Emma Bovary com arsênico. Anna Kariênina se atirando na frente de um trem. “As figuras que se insurgem são castigadas. Mas isso não deixa de retratar se você for observar a própria sociedade”, conclui. Para ela, é de grande importância que as mulheres escrevam e que assumam a criação de personagens femininas. E a opinião de Claudiomar Shinaider revela a subestimação de tantas escritoras e personagens.

Quando o então editor do *Jornal Opção*, Euler Belém, entrou em contato com Cássia em busca do número de telefo-

ne de Claudiomar, ela precisou inventar um e-mail para seu personagem. E precisou também fazê-lo desaparecer, até que a poeira baixasse. Tempos depois de esquecido, Claudiomar voltaria a ser assunto: Cássia contaria a história a um amigo, que a repetiria em uma conversa de bar a outra pessoa. A história se tornaria matéria no *Jornal do Brasil* e seria mencionada em um artigo de opinião de Eliane Cantanhêde na *Folha de São Paulo*, publicado em 15 de julho de 2001 com o título *Falem mal, mas falem de mim*³. Mais tarde, o caso seria citado também no livro *O império do grotesco*⁴, de Muniz Sodré e Raquel Paiva.

A jovem estudante de jornalismo vira a esquina de lojas caras do shopping onde nunca esteve antes e finalmente se depara com a livraria que servia de referência ao ponto de encontro. Com o celular na mão, ela acompanhou o ponto azul que a representa na interface do GPS, se deslocando na tela, desde o andar da praça de alimentação. Está cerca de cinco minutos atrasada. Ela entra direto na livraria, olha um pouco as capas em destaque, espia as pessoas sentadas em mesas num canto à sua direita, mas não encontra quem procura. Quando se volta para perto da porta, olhando os livros na prateleira mais próxima, ela vê pela vitrine uma mulher de cabelos curtos com mechas loiras, sentada a uma mesa do café do lado de fora, por onde ela passou com pressa sem prestar a menor atenção. Em outra das quatro cadeiras vermelhas estilizadas, está um garotinho de no máximo 10 anos. A estudante os observa de longe por alguns momentos, até ter certeza de que a mulher é quem está procurando. E vai até ela.

¹ O movimento Leia Mulheres surgiu a partir de 2014, com um projeto #readwoman2014, proposto pela escritora inglesa Joanna Walsh. No Brasil, o movimento existe em grupos de leitura organizados por mediadoras em diversas cidades de 23 Estados e também do Distrito Federal.

² O título do romance e nome da protagonista é traduzido como Anna Karenina ou Anna Kariênina, em diferentes edições.

³ CANTANHÊDE, Eliane. Falem mal, mas falem de mim. In: Folha de São Paulo, 15 de julho de 2001. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opinioao/fz1507200104.htm>>. Acesso em: 09 de outubro de 2018

⁴ SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. O império do grotesco. 2ª edição. Rio de Janeiro: MAUAD, 2004.

Lucivânia Cássia Fernandes da Silva tem 46 anos e nasceu em Pontalina, cidade do interior de Goiás onde vivia sua avó materna. Viveu os primeiros anos da infância junto aos pais entre Joviânia, cidade a cerca de 50 km de distância, e a fazenda do pai. A vida rústica de interior numa fazenda sem energia elétrica, sem instalações sanitárias. Ela faz alusão às antigas fazendas de pouso de boiadeiros que fizeram parte da história de Goiás e de todo o Centro-Oeste, que sua interlocutora, nascida em Brasília, só consegue imaginar de forma muito distante. “Goiás mudou muito nas últimas décadas, nesses 30, 40 anos”, observa. Mas reforça as boas lembranças que tem desse interior goiano perdido no tempo, de andar de pés no chão, subir em árvores, brincar na terra. Vem dessa época uma atitude contemplativa que se reflete até hoje em sua poesia, citando como exemplo o poema *Aqui em riba*, de seu livro *Almofariz do tempo*. Nem tudo na infância, porém, era felicidade. “Acho que eu sou mais feliz agora do que era quando criança. Eu tinha uma melancolia que eu não conseguia compreender, racionalizar”, relata.

Aos 8 anos de idade, a família de Cássia veio viver em Goiânia. O gosto pela literatura e escrita, a decisão de ser jornalista e escritora veio já dessa época, em que estudou no colégio Santo Agostinho. Uma professora chamada Livia dava pequenos cadernos aos alunos e pedia que escrevessem neles qualquer coisa, sem compromissos, sem exigências de redação escolar. Cássia então escrevia seus pensamentos e sentimentos como num diário. E um dia, quando tinha 12 ou 13 anos, a turma escolar foi levada até a Praça Cívica, para conhecer e entrevistar Lygia Bojunga, autora de livros infanto-juvenis como *A Bolsa Amarela*. “Achei fascinante ver alguém que escrevia livros!”, ela confessa. “Achei tão maravilhoso ser escritora... Quis ser escritora e fazer jornalismo também”.

A casa de Cássia no interior não tinha muitos livros. Livros não eram objetos fáceis de se obter para uma família de origem rural. Mas Cássia se lembra de ler e reler os gibis que o irmão comprava e trocava numa banca em Pontalina. E com a mudança para Goiânia, passou a ter acesso aos livros que o primo recebia pelo Círculo do Livro, antigo clube do livro que fazia a literatura rodar o país. Hoje pessoas assinam clubes de livros que produzem edições exclusivas como *TAG – Experiências Literárias*. Décadas atrás, assinavam clubes de livros para terem acesso a todo tipo de literatura que pudessem ter. Esse acesso, selecionado e distribuído via Correios, foi outro dos fatores que estimulou em Cássia o gosto pela literatura.

Com o estímulo de uma professora, a experiência de ver pessoalmente uma escritora e o acesso que podia ter a livros, Cássia decidiu: “Vou ser escritora”, e passou a escrever sempre. Primeiro de forma confessional, quando adolescente. Como espécies de desabafos. Mas também explorando a sonoridade das palavras. Hoje, quando pega seus antigos cadernos da infância, não vê sentido em muitas das coisas que escrevia, até acha ridículo, porque apenas jogava, espalhava as palavras no papel. Mas não descarta a experiência, que considera positiva: “Fiz depois com meus alunos, porque achei que era bom para desenvolver a escrita, para ver que a escrita podia ser uma coisa prazerosa”.

A estudante se senta à mesa. O garotinho, em posse do celular da mãe e já colocando em operação algum jogo eletrônico, se distancia entre as outras mesas e cadeiras do café, à procura de uma tomada para recarregar o *smartphone*. A estudante organiza seus materiais para a entrevista. À sua frente, Cássia Fernandes aguarda. Ela veste uma blusa preta com estampa de flores azuis, brancas, vermelhas. No pulso, uma fita lilás, de pontas já desfiadas. No rosto, maquiagem leve. Brincos e anéis

enfeitam as orelhas e os dedos.

“Viver em Goiás não é uma coisa fácil para uma mulher”, ela declara, quando questionada sobre machismo. A escritora relembra a experiência de ter crescido no interior, em um ambiente rural e patriarcal, que restringia a liberdade da mulher, onde foi proibida de namorar até os 15 anos. Para a mulher nascida num lugar assim, fazia parte da juventude ser vigiada por irmãos ou surrada pelo pai por ter tido experiências sexuais.

Embora seus pais tenham dado a ela e à irmã as condições de que precisavam para estudarem, terem a própria profissão e serem independentes, Cássia não escapou da reprodução de alguns costumes como a importância de manter a virgindade feminina; uma educação que orientava meninas e garotas para conquistar um marido que seria o provedor da família, ou pelo menos o principal provedor; além da importância dada aos cuidados com a casa e a maternidade. “Não é que meus pais sejam machistas nesse sentido, mas o contexto é. E aí você é criada dentro desse contexto extremamente machista”, ela explica.

A repressão excessiva do ambiente interiorano não conseguiu atingi-la com tanta força. Ter vivido em Goiânia e passado certo tempo distanciada da mãe, na companhia de dois irmãos e uma irmã, todos mais velhos, assim como o contato com os livros, reduziram em Cássia a influência repressora, mas não a isolavam de um mundo machista.

“Goiás é um lugar em que os homens eram machistas”, declara. “É um machismo que muitas vezes me dá a impressão de que não gostam das mulheres, que as desprezam”.

A conversa é pontuada pelos sons do estabelecimento comercial em que acontece. Há uma música suave de shopping, e também os sons indistintos das conversas de outras mesas.

Há a atendente do café que vem trazer dois cardápios encadernados, há a voz pedindo dois expressos e uma garrafa d’água, que é servida em taças. A mesa quadrada fica abarrotada de coisas: o caderno e a pasta da estudante; o documento em duas vias que legitima a entrevista; o livro e agenda onde ela apoia o celular que grava tudo; as canecas de alumínio que decoram como vaso de flor para suculentas e que armazenam guardanapos de papel; as duas xícaras brancas sobre pires também brancos; a garrafa e as taças. Ainda paira no ar um leve cheiro dos grãos de café que foram moídos há poucos minutos.

Um dia, Cássia Fernandes despejou na rua todos os exemplares que tinha de *Cartas que não te escrevi*, para que fossem levados por catadores de lixo e papel. Sua amiga Larissa Mundim, também jornalista e escritora, chamaria a atitude de “estratégia punk de distribuição”. A própria Cássia reconhece o que fez como uma consequência do drama de fazer literatura fora do eixo Rio-São Paulo: não conseguir vender, mesmo com boa divulgação. “As livrarias daqui não se interessam por livros de escritores goianos. Eles enfiam numa prateleira lá no fundo, nunca fica em destaque”, aponta.

A estudante olha para a vitrine da livraria à sua direita e pensa no que aprendeu desde que começou a estudar escrita, literatura e mercado editorial, se aproximando de escritores, blogueiros, *booktubers*, tradutores, editores e revisores pela internet. Grande parte dos livros escritos e publicados no Brasil não chega às grandes redes de livrarias em shoppings e muito menos às pequenas livrarias e sebos de rua. Os que chegam passam por uma seleção criteriosa. E os que são expostos nas vitrines, com banners e lugares de destaque chegam até ali por acordos comerciais entre editora e livraria. Ao pesquisar escritoras goianas contemporâneas para sua pesquisa e conhecer os

livros delas, não viu nenhum de seus títulos em livrarias que frequenta ou em lojas virtuais onde costuma fazer compras.

“É muito difícil para o artista, o escritor conseguir vender sua obra. A gente põe a alma da gente ali. E quando você chega num lugar e eles fazem pouco caso do seu trabalho é como se eles estivessem fazendo pouco caso de você”. A estudante ouve atenta e com tristeza a declaração de Cássia.

Com tanta dificuldade de comercializar a própria obra, Cássia desanimou. Antes do primeiro romance, havia publicado contos em antologias do Prêmio Beg de Literatura, e tinha sido até convidada para escrever crônicas para o jornal *O Popular*, o maior jornal impresso de Goiânia. Hoje Cássia reconhece que na época era tomada por uma ansiedade de afirmar para si mesma que era de fato escritora, que já não sente mais. Ter um texto ou mesmo um livro inteiro publicado era como legitimar a própria escrita.

Depois de botar os exemplares de seu livro para fora de casa, ela desanimou de publicar, mas nunca deixou de escrever. O blog *Almofariz*⁵ está no ar desde 2006, e Cássia vem publicando nele, de acordo com sua própria vontade e necessidade, textos em prosa e verso. Além de postar também alguns de seus textos nas redes sociais, como Facebook, ou de produzir vídeos simples para o YouTube, em que lia seus próprios poemas.

Entre os dezesseis anos que separaram seu primeiro e segundo livros, ainda se dedicou a outro projeto que contribuiu para seu desânimo com a publicação. *Escritos para uso pessoal e doméstico* eram poemas impressos em caixas, produzidas com design feito pela artista Pollyana Duarte e financiadas pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura. Houve um lançamento com sarau, música e leitura dos poemas, e o resultado foi parecido com o de *Cartas que não te escrevi*. “Essas caixinhas também

⁵ O blog pode ser acessado pelo link <<http://almofariz.blogspot.com/>>.

ficaram lá em casa, abarrotando armário, amarelando, estragaram a porta do meu armário, deram prejuízo... você vende um pouco só no dia do lançamento”. Com o passar do tempo, Cássia teve de ir se livrando aos poucos das caixas: dando de presente, jogando fora. Mas nunca deixou de escrever.

Os dedos rasgam com cuidado o sachê de papel, em seguida despejam todo o conteúdo na bebida quente. O açúcar refinado forma primeiro uma pequena montanha no café, bem no centro da xícara, depois afunda. O pequeno misturador de plástico descartável faz um redemoinho dentro do recipiente, até que a estudante julga ter dissolvido todo o açúcar. Ela o faz quase de forma mecânica, ouvindo com atenção o relato da escritora.

Cássia é formada em Letras e Jornalismo. Primeiro, entrou para o curso de Pedagogia na Universidade Federal de Goiás (UFG). Após um ano, abandonou o curso para estudar Letras na Universidade Católica de Goiás, hoje Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Enquanto ainda cursava a licenciatura, abandonou a Pedagogia para entrar para o curso de Jornalismo na UFG, que durante algum tempo foi trancado para que a outra graduação pudesse ser concluída. Cássia já foi professora pela rede pública e já trabalhou como jornalista em assessorias de comunicação e em revistas e emissoras de TV e rádio. Hoje tem MBA em cinema. Lecionou Comunicação, Sociedade e Fundamentos do Audiovisual no Instituto Basileu França, de onde foi demitida por paralisar suas atividades em protesto à falta de pagamento de salários para professores e servidores. De forma independente, também atua como microempresadora em La Lumière - A Casa de Todas as Histórias, com produção voltada para biografias.

Três anos atrás, insatisfeita com o que fazia, ela saiu do em-

prego em que estava. Queria uma mudança em sua vida, mais tempo para escrever. A ruptura que buscou lhe trouxe mais tempo para o ócio criativo e lhe permitiu a reaproximação com Larissa Mundim, que conhecia desde os tempos em que trabalhara na TV Brasil Central e agora possui uma pequena editora, a NegaLilu. Juntas, publicaram em 2016 o livro *Almofariz do tempo*, uma reunião de poemas escritos por Cássia ao longo de vários anos e publicados em seu blog, em formato de bolso. É um volume pequeno e leve, de folhas amareladas e capa marrom semelhante a papelão. A experiência foi bem diferente.

Larissa cuidou de todo o processo de publicação e cuida também de tudo o que envolve a distribuição e divulgação do livro. A NegaLilu Editora tem alguns pontos de venda físicos, como sua sede e a Livraria Palavrear, em Goiânia, e também o próprio site, por onde é possível comprar via internet e receber o livro em casa pelos Correios. Quando tem a oportunidade de ir a feiras literárias, conta Cássia, Larissa leva os livros de sua editora. “Poder contar com uma pessoa que vende sua obra, que representa sua obra é muito bom”, a poeta afirma. E ainda enumera outra vantagem: com a NegaLilu, tem direito a grande parte do percentual de vendas de seus livros, algo que não acontece para os autores com livros publicados pela maioria das editoras brasileiras.

Um ano depois de *Almofariz do tempo*, foi a vez de *Abracadabras: crio enquanto falo*. Cássia sentia que seus poemas se contradiziam. Enquanto um era mais amoroso e otimista, outro soava mais cético, como se houvesse, em sua poesia, uma multiplicidade de vozes poéticas. Para dar vazão a essas vozes, ela criou Miss Austen, a romântica; Condessa, a cética; e Madame Natasha, a pragmática. As três a princípio deveriam fazer parte de um romance, mas acabaram se tornando as vozes de poemas que foram reunidos e construídos numa linha narra-

tiva, formando o livro *Abracadabras*. “Foi uma proposta meio louca”, ela reconhece.

Foi Larissa quem vislumbrou a possibilidade de trabalhar não só os formatos de livro físico e e-book, mas também de *audiobook*, com trilha sonora e dramatização dos poemas. A gravação aconteceu nos estúdios da Rádio Universitária, com direção artística de Itamar Pires Ribeiro, o mesmo Itamar que participara da preparação de *Cartas que não te escrevi* anos atrás. A voz de Miss Austen foi interpretada pela poeta Carol Schmidt, a de Condessa, pela própria Cássia, e a de Madame Natasha coube a Débora de Sá. A apresentação foi lida por Larissa Mundim, e os textos complementares, por Itamar Ribeiro. A experiência foi maravilhosa; se pudesse gravar o *audiobook* de novo, nem gravaria uma das vozes, porque ao ouvir seus poemas interpretados por outras pessoas, teve uma sensação de que enfim via o leitor se apropriar de seus textos. “Porque você escreve não é propriamente para você. Você escreve para o leitor, é para o leitor se apropriar do seu texto. Para ele fazer o uso, para ele colocar a alma dele naqueles textos”.

Apesar da boa experiência com a preparação do *audiobook*, Cássia acredita que o leitor brasileiro ainda não está preparado para o consumo desse tipo de mídia. Tem conhecimento de que no exterior, em países como Estados Unidos, é grande o consumo de livros gravados e dramatizados em arquivos de áudio. Segundo uma pesquisa realizada em 2016 pelo instituto de pesquisas estadunidense Pew Reserch Center, cerca de 18% dos americanos ouvem *audiobooks*⁶. No Brasil, por outro lado, o consumo é bem menor: segundo o Perfil do Leitor Brasileiro, pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro do Livro, os consu-

⁶ PORVIR. **Quase 1 em cada 5 agora ouve audiolivros**. In: *Porvir*, 09 de julho de 2018. Disponível em: <<http://porvir.org/quase-1-em-cada-5-americanos-agora-ouve-audiolivros/>>. Acesso em: 0 de outubro de 2018.

midores dessa mídia são apenas 6% da população⁷. Os dados são do levantamento mais recente, feito em 2015.

Cássia aponta alguns problemas que distanciam os brasileiros desse tipo de consumo: em primeiro lugar estaria a falta do hábito de leitura. A pesquisa do Instituto Pró-Livro corrobora essa impressão: 56% dos brasileiros podem ser considerados leitores, cumprindo o critério de ter lido, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos três meses anteriores à pesquisa. Além disso, 77% dos brasileiros teriam dificuldades para ler, como falta de paciência (24%), leitura lenta (20%), problemas de visão e limitações físicas (17%) ou falta de instrução (10%).

O segundo problema que afastaria os brasileiros do consumo de livros em formato de áudio seria tecnológico: “Nossa tecnologia é atrasada e cara. A gente tem aparelhos celulares com conexão de internet que não é boa, é uma internet cara. Você não tem serviço de Wi-Fi gratuito em todos os lugares, e as pessoas não conhecem ainda a possibilidade”, afirma, e cita a própria experiência como exemplo. Só foi ouvir um *audiobook* quando ela e Larissa buscavam plataformas de distribuição para a versão em áudio de *Abracadabras* e tiveram acesso ao site *Ubook*. Lá, Cássia ouviu o clássico romance epistolar sobre o mais famoso vampiro da literatura: *Drácula*, de Bram Stoker. “Foi uma delícia ficar ouvindo aquele livro de suspense com interpretação dos atores”, relata.

A estudante relembra a própria experiência com os *audiobooks*: o primeiro que ouviu foi o próprio livro de Cássia Fernandes, quando estava no início de sua pesquisa sobre escritoras goianas contemporâneas. Adquiriu *Abracadabras* em

formato e-book e acabou ganhando uma assinatura de um ano para a plataforma onde o livro é distribuído, que dá acesso a incontáveis livros em formato audível via celular ou computador. Curiosa, experimentou ler e acompanhar com a dramatização: ficou maravilhada! Entretanto, não voltou a ouvir outros livros. O formato impresso é seu preferido; ela lê uma quantidade razoável de e-books pelo próprio celular; mas a mídia audível é tão nova, que a garota ainda tem certa resistência.

A dificuldade da estudante com algo tão novo pode estar ligada ao analfabetismo tecnológico: o desconhecimento de como utilizar os dispositivos e recursos digitais e tecnológicos. Cássia, porém, acredita que, com o tempo, tanto a má-qualidade da tecnologia, quanto o acesso a ela, o conhecimento das pessoas sobre como utilizá-la e o hábito de leitura serão resolvidos. E sem previsão alarmista sobre um possível “fim” do livro impresso: “As mídias vão coexistir”.

Em algum momento, a conversa é interrompida. Cássia sente falta do filho, que havia se distanciado em busca de uma tomada para recarregar o celular. Onde estava o menino? A gravação no celular é interrompida, Cássia se levanta com pressa, percorre o espaço do café, até encontrar o filho em local pouco visível da mesa, com o celular nas mãos. A conversa é retomada.

Hoje, Cássia Fernandes não tem mais a mesma urgência de publicar sua literatura, como tinha dezoito anos atrás. Está mais preocupada em produzir uma obra de qualidade. Sente que não se dedica o tempo que devia à escrita, que sua vida está atabalhoada, que lhe falta disciplina. Hoje ela valoriza, principalmente, a qualidade de sua produção. “Eu não sinto que eu tenho mais que provar para mim mesma. Eu sei o tanto que a literatura é essencial para mim”, declara.

⁷ BUARQUE, Daniel; SERRI, Mariana. **Já ouviu um livro? Obras narradas são a nova aposta do mercado editorial.** In: *Folha de São Paulo*, 09 de julho de 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/07/1899123-mercado-de-audiolivros-explode-nos-eua-e-ganha-impulso-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

A escritora também percebe, em sua produção, algumas características centrais. O amor como tema é frequente, bem como a presença das personagens femininas. Também há o uso de expressões do século XIX, vindas da literatura que Cássia mais aprecia. E o tratamento de temas do cotidiano, aparentando simplicidade, porém com polissemia. A própria personagem Condessa, do livro *Abracadabras*, faz o alerta: “Cuidado: eu sou muito polissêmica”. A polissemia escapa, às vezes, até para ela mesma. Durante o processo de edição de *Abracadabras*, Larissa Mundim se deu conta de um duplo sentido no subtítulo *crio enquanto falo*. A frase tem ligação com o sentido da expressão “abracadabra”, de origem controversa ligada a várias culturas antigas, entre as quais a autora optou pela ligação com a expressão em aramaico *kahdabra*. A editora, porém, percebeu que a palavra “falo” poderia não se referir apenas ao ato de falar, mas também ser ligada ao falo masculino, numa referência ao poder masculino de criação – uma associação que surpreendeu a própria autora.

Na escrita, Cássia ressalta a importância da construção de personagens femininas, destacando as heroínas de Jane Austen e as personagens de Virginia Woolf. As primeiras, detentoras de uma “precisão psicológica incrível”; as da segunda, apontadas como complexas. Como leitora, tem uma lista de escritores e escritoras que admira. Jane Austen, pela vida e obra; Cecília Meireles, pela poesia. Pela trajetória, tem verdadeira admiração por Balzac: um homem que escrevia 17 horas por dia, que viveu envolto em dívidas, com o sonho de se casar com uma dama rica da nobreza. E desfia uma série de recomendações de leituras: *A louca da casa*, *História do cavaleiro inexistente* e *Lágrimas na chuva*, da espanhola Rosa Montero; *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas*, de Maria José Silveira; *Anna Kariênina* e *Guerra e Paz*, de Tolstoi; *Ilusões Perdidas*, de Balzac – “Se eu

tivesse lido *Ilusões Perdidas* antes, não teria feito Jornalismo”, afirma, e as duas riem. E segue a lista... Aparecem nomes como Dostoiévski, Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa, Isabel Allende, Gioconda Belli e Umberto Eco.

Como escritora, Cássia Fernandes vê um cenário muito difícil em Goiás e em Goiânia, que se reflete desde a pouca quantidade de bibliotecas públicas na capital do Estado, com acervos desatualizados e sem digitalização e pouco frequentadas pela população; até o fechamento de livrarias tradicionais de rua, como a Livraria Araguaia, e a Livraria Universitária, restando apenas as livrarias de grandes redes nacionais, relegadas aos shoppings centers. Enquanto as livrarias tradicionais do centro da cidade, que valorizavam escritores goianos, fecharam as portas, as livrarias de grandes redes não têm o livro como objeto principal: vendem quinquilharias. “Elas vendem brinquedo, artigo de papelaria... E os livros que têm destaque geralmente são esses livros de natureza mais comercial, são esses grandes *best-sellers* que já fazem um contrato pela prateleira, pela gôndola”.

Na visão dela, o que torna o cenário um pouco mais favorável em um mercado que é injusto com autor, editor, livreiro e leitor são as nanoeditoras independentes, como a própria NegaLilu, que apesar de depender de financiamento público para poder realizar suas publicações, produz coletâneas que incluem escritores estreantes, pelo selo *E/Ou*, e busca se aproximar do público. A última ação é enfatizada como necessária para criar uma “cultura da leitura”, tendo como alvo principalmente os leitores mais jovens.

Num cenário em que as grandes editoras do país estão concentradas no eixo Rio-São Paulo, em que quase não há livrarias e bibliotecas na cidade e em que não existe o hábito da leitura, Cássia vê o trabalho de sua editora como algo que um dia fará parte da História da literatura goiana. Todas as dificuldades en-

frentadas pelo escritor nesse cenário são o que fazem com que Cássia não se preocupe tanto em publicar muitos livros e com grande frequência: “Às vezes a gente fica desanimada. A gente fala assim: ‘Não adianta você publicar. As pessoas não vão te ler’. Então é por isso que eu não tenho essa ansiedade”.

Apesar disso, a escrita prossegue: Cássia tem dois projetos de livros futuros. Um deles é o antigo romance do qual deveriam fazer parte as personagens Miss Austen, Condessa e Madame Natasha, antes de suas vozes originarem poemas, e ainda não tem título definido. Sobre o outro, a autora apenas declara que grande parte dele já foi escrita, mas que escreveria tudo de novo, e que o título seria *Como achar a fortuna nas pequenas coisas*.

O gravador é desligado, outros assuntos que nada tem a ver com literatura são tratados na pauta. A conversa é encerrada com pão de queijo.

A descoberta do amor



Descobri que nossa história é resultado de fracassos originais. Para mim você surgiu de uma operação kamikaze malsucedida. Quando tudo deu errado no meu ritual de automutilação semestral, você estava do meu lado. E permaneceria pelo tempo que durasse, mas foi ficando. Quando deu por si, tinha desistido de mais um romance. Quis casar-se todos os dias. Agora eu adormeço te desejando coisas boas e você acorda me fazendo carinhos.¹

No conto escrito por duas personagens dentro de um romance, Gabriela e Angelina viveram uma história de amor de deixar qualquer pessoa Sem Palavras. Uma narrativa em quatro capítulos constituídos muito mais de sentimentos, sutilezas e transcendências do que de acontecimentos. Primeira pessoa, mas também segunda e terceira, fluxo de consciência, frases curtas e longas, alternâncias. Encontros furtivos, olhares, um quarto de hotel, desejo, entrega, porque *havia descoberto o amor e não queriam mais viver sem ele.*²

Larissa Pereira Mundim a escreveu em forma de conto, com referências de músicas, filmes, livros. E estavam ali os nomes-apelidos, Nega e Lilu, que dariam início a algo muito maior, transcendendo o conto, tornando-se conceito, postura. Nega e

¹ MUNDIM, Larissa. **Sem Palavras**, capítulo III. In: MUNDIM, Larissa; PRADO, Valentina. *Sem Palavras*. Goiânia, Nega Lilu, 2013. Pág. 183.

² MUNDIM, Larissa. **Sem Palavras**, capítulo III. In: MUNDIM, Larissa; PRADO, Valentina. *Sem Palavras*. Goiânia, Nega Lilu, 2013. Pág. 184.

Lilu se fundiriam numa coisa só, NegaLilu.

Antes disso, porém, Larissa se junta à historiadora Valentina Prado, e à distância, iniciam um chat do Google e uma troca de e-mails que resultariam em mais de 300 páginas de romance epistolar, orientadas pela proposta de escrever um conto de forma que o leitor tivesse acesso ao processo de escrita. Veio uma ideia. Um livro protagonizado por duas mulheres, metodologia positivista, importância dada à experiência e ao envolvimento emocional entre as personagens.

É dessa forma que criam Brisa Marin, cujos textos são escritos por Valentina Prado; e Laura Passsing, cujos textos têm autoria de Larissa Mundim. As duas protagonizam uma história de amor intensa, urgente, que o leitor espia por registros de e-mails e troca de mensagens eletrônicas, por links para fotografias e músicas. O livro que chega às mãos do leitor, em capa dura, com páginas amareladas de papel Pólen, reproduzindo a diagramação dos sistemas de comunicação utilizados pelas personagens e até links para acesso aos conteúdos que as duas trocam entre si não é apenas um livro. É uma experiência artística completa, muito maior do que seu volume encadernado.

Ambiente do café Coffee Time, aprox. 16h40. Conversa iniciada.

A escrita do livro Sem Palavras é concluída em 06 de novembro de 2010. Larissa quer fazer com que o livro circule, que seja conhecido. Cria o blog <negalilu.blogspot.com> em janeiro de 2011, disposta a publicar, dia após dia, as interações virtuais de Laura Passing e Brisa Marin. Não lhe parecia, porém, acertado começar as publicações naquele início de ano, naquela atmosfera de Carnaval, quando a história de Laura e Brisa tem seu ponto de partida no fim do ano. Ela decide esperar, até que possa publicar todos os textos em datas correspon-

dentes àquelas em que foram digitados, com um deslocamento de dois anos no tempo. Se o primeiro e-mail de Laura para Brisa fora enviado em 06 de novembro de 2009, seria então publicado no blog em 6 de novembro de 2011. O que fazer até lá? Como alimentar aquele blog que serviria de vitrine ao livro?

Larissa cria o Coletivo Esfinge, um grupo de mais de 100 pessoas unidas em torno do ideal de difundir o conto *Sem Palavras*. E o coletivo o faz. E faz no campo da literatura, das artes visuais, artes cênicas, audiovisual, design e a área de comunicação e marketing. *Sem Palavras* origina iniciativas em *street art*, *body art*, fotografia, performance, dança, produção de filmes, criação de design, *webdesign*, design de moda, negócios via internet, mídias sociais, relações públicas, jornalismo, publicidade, o próprio blog *Nega Lilu*, o projeto Laboratório Ordinário e, por fim, a fundação da NegaLilu Editora.

O conto é comentado, transformado e difundido. A intervenção urbana *Mensagem na garrafa* leva produções imagéticas do artista Mateus Dutra a 34 cidades de 16 países diferentes. Na ação *Corpo Papel*, 21 pessoas têm seus corpos tatuados com trechos do livro *Sem Palavras* e fotografadas por Lu Barcelos. A performance *A Fuga* é realizada em sete atos públicos, refletindo convenções e papéis sociais, a efemeridade e a instantaneidade. A NegaLilu Companhia de Dança estreia em 2011 seu espetáculo inaugural. O curta-metragem *A Fuga* tem Laura e Brisa como protagonistas e é selecionado para o XIV Festival Nacional 5 Minutos, em Salvador, Bahia (Mostra Panorama Brasil) e para o 7º FestiCine Goiânia, em Goiânia, Goiás (Mostra Vídeos Caseiros). *Nega & Lilu* se tornam conceito, discurso e atitude, configurando uma identidade, uma marca e ao mesmo tempo um produto. Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas são utilizados com êxito na missão de comentar, transformar e difundir o livro *Sem Palavras*.

No dia 05 de novembro de 2011, o jornal *O Popular* dedica a capa de seu caderno *Magazine*³ ao *Sem Palavras* e toda a mobilização de artistas em torno de sua história e anuncia para o dia seguinte a primeira postagem do conteúdo integral do livro. Larissa percebe um aumento de 400% no número de visualizações do blog. No dia seguinte, as postagens se iniciam com um e-mail de Laura Passing para Brisa Marin e a primeira parte do conto que as personagens escrevem em conjunto. As postagens seguem até o último e-mail, datado em um ano depois do primeiro, e mais tarde, tornam-se conteúdo complementar ao livro: em notas de rodapé, a versão física de *Sem Palavras* contém links do blog *Nega Lilu*, onde se pode acessar as fotografias e músicas que as protagonistas enviam uma para a outra. Os conteúdos físico e digital se complementam.

As pessoas são tocadas por *Sem Palavras*. Homens, mulheres, casais heterossexuais ou homoafetivos se identificam com a história de um amor tão intenso, urgente e mediado pela internet. Muitas pessoas se identificam com *Sem Palavras*, vendo que alguma coisa naquele livro tem a ver com elas. Então Larissa passa a compreender que a obra enfrenta o desafio de falar sobre o amor no século XXI, mesmo sendo o amor um dos temas mais recorrentes na produção literária da humanidade, quicá o mais recorrente de todos. Ainda assim, *Sem Palavras* conseguiria a partir da forma, arquitetura e estética registrar a maneira como as pessoas se relacionam nos tempos de computadores e internet, e de que maneira a comunicação mediada por máquinas impacta no afeto entre duas pessoas.

Você tem um computador à sua frente, ligado a uma tomada ou bateria e conectado à internet. Por sua caixa de e-mails

3 NEGA LILU. **Prazer, Nega Lilu (O Popular)**. In: *Nega Lilu*, 05 de novembro de 2011. Disponível em: <https://4.bp.blogspot.com/-3ydDUSMUvmE/Tzzw9yU4EII/AAAAAAAAAu8/oXEJuO16q3s/s1600/O+Popular_05nov+2011_lancamento+-Sem+Palavras.jpg>. Acesso em: 22 de outubro de 2018.

ou chat online, você pode conversar com essa pessoa que conhece pessoalmente, com quem tem uma relação. A caixa do chat avisa quando ele ou ela está digitando e também quando interrompe a digitação. Ele ou ela envia a mensagem, você a recebe. Ele ou ela aguarda, você lê. Você pensa numa resposta, você começa a digitar, se interrompe. Seria a resposta mais adequada? É isso mesmo que você quer dizer? Como responder nesse momento? O aviso de digitação aparece e some na tela de quem conversa com você. Você, por fim, diz alguma coisa. A conexão dele ou dela cai. Será que se cansou de conversar? Será que foi dormir? Acabou a energia? Você não sabe o que está acontecendo até que ele ou ela possa voltar a se comunicar com você e explicar o que houve.

A comunicação entre Laura e Brisa é repleta de momentos como esses. Um diálogo mediado por internet, redes sociais, chat online é diferente de uma conversa olho no olho. Num tempo em que esse tipo de conversação se torna cada vez mais comum em nossas relações pessoais, os leitores de *Sem Palavras* se identificam. É como ter acesso a parte do back-up de mensagens de alguém. São os registros digitais que sobrevivem ao fim de uma relação e com os quais é possível se deparar, por acidente, ao ir limpar ou recuperar o histórico de mensagens.

Autofalantes do café Coffee Time: ► I Just Called To Say I Love You – Stevie Wonder

Nascida em Rio Verde, no interior de Goiás, Larissa tem formação em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás e pós-graduação em Arte Contemporânea pela mesma universidade. Já atuou nos principais veículos de comunicação em Goiás, como os jornais *Diário da Manhã* e *O Popular* e as emissoras de televisão *Band*, *TV Goiânia*, *TV Brasil Central* e tam-

bém em assessoria de imprensa, projetos de defesa dos direitos humanos e do meio ambiente. Hoje, aos 45 anos, é escritora e também editora. É ariana com ascendente em virgem e tem uma filha.

O contato com a leitura vem desde a infância, dos gibis que chegavam mensalmente assinados pela mãe. E daí para a escrita, não demorou. Na adolescência Larissa já se dedicava à escrita poética, seguindo com o passar do tempo por um processo de amadurecimento da própria escrita. Processo que foi permeado de leituras. Veio o cânone em primeiro lugar. A literatura recomendada pela escola. Larissa aprendeu que a leitura era imprescindível para quem quisesse escrever.

Da experiência de leitora, entre diversos nomes masculinos e femininos, alguns se sobressaíram. Graciliano Ramos, Guimarães Rosa. Cíntia Moscovith, Adriana Lisboa, Conceição Evaristo. Até mesmo no contato recente, entre o meio literário em Goiás, houve destaques: Augusta Faro e Cássia Fernandes foram escritoras que ela passou a admirar. Mas Clarice Lispector seria aquela que mais a influenciaria, por sua escrita intimista e uso do fluxo de consciência à maneira de Virginia Woolf. Larissa Mundim se encantaria muito com essa forma de escrita.

E então veio o treinamento, muito treinamento em escrita. Via como necessária a elaboração de projetos que desencadeassem em escrita, em disciplina e obstinação para escrever todos os dias mesmo que o resultado fosse um texto não aproveitável. A própria maneira com que *Sem Palavras* foi escrito é resultado deste processo: os projetos de escrita que Larissa busca são ligados à criação de métodos de trabalho. Seu segundo romance, *Agora eu te amo*, também seguiu um método.

Até mesmo a escrita do conto *Sem Palavras* passou por um método de trabalho específico. É, de fato, um texto de Larissa Mundim. Mas é construído a partir da troca de informações via correspondência eletrônica entre Laura e Brisa, e Laura

Passing o escreve reunindo trechos e fragmentos resultantes dessa correspondência. Mas existe coautoria porque Laura reúne todo esse material. Laura, um eu ficcional criado por Larissa; e Brisa, outro eu ficcional, nas mãos de Valentina Prado. Escrita em coautoria.

Dentro da metodologia do romance *Sem Palavras*, em que a escrita do conto pelas duas personagens deveria se desenvolver diante dos olhos do leitor, uma das maiores preocupações de Larissa e Valentina era em relação à continuidade, o que tornou, na opinião de Larissa, a edição ainda mais difícil do que a escrita. E, sendo um livro ensimesmado, centrado na relação entre duas personagens, com participação muito pequena de alguns coadjuvantes ligados a elas, o livro se torna uma coleção de sutilezas. É naquilo que Brisa têm a oferecer para Laura e vice-versa que se revela a construção das personagens. A intimidade entre as duas, que nasce a partir da declaração “Sou sua” feita por Brisa Marin, é o que leva o leitor a acompanhar o desenvolvimento da relação.

Ao contrário do que Larissa imaginava, o romance não fica datado. Não perde sua relevância com o tempo. Muita coisa mudou no mundo das tecnologias digitais desde 2009, época em que *Sem Palavras* foi escrito. À época, e-mails e chats tinham uma função específica. Hoje, têm outra. Se cerca de dez anos atrás, utilizávamos e-mails para conversar com pessoas que não víamos há tempos ou enviar e compartilhar correntes de apresentações em *PowerPoint*; e os chats como o do Google, Uol e Messenger eram a forma mais rápida de comunicação mediada, hoje suas funções são outras. E-mails mediam relações de trabalho; chats online são substituídos por redes de envio de mensagens instantâneas, como WhatsApp e aplicativos de relacionamentos.

Ainda assim, Larissa percebe que o leitor se apegava a *Sem Pa-*

lavras de forma saudosista, numa recuperação nostálgica das relações cultivadas em um passado muito recente.

Playlist Sem Palavras no Spotify ► Pelo tempo que durar – Marisa Monte

O romance de Laura e Brisa já havia encantado pessoas, viajado o mundo, subido a palcos e telas, marcado corpos, reunido admiradores, mobilizado todo um grupo de pessoas. Para que saltasse das páginas virtuais do blog *Nega Lilu* às páginas físicas de um livro impresso, duas coisas eram necessárias: financiamento e distribuição. Larissa pleiteou financiamento pela Lei Goayzes e pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura, sendo contemplada na primeira. Necessitava, porém, fazer com que seu livro chegasse até as pessoas.

Para um livro estar numa livraria, não basta sua existência. Editoras costumam negociar a distribuição para livrarias de forma estratégica, num acordo comercial que abarca desde quais lojas venderão o livro até se o livro ocupará espaço numa prateleira, gôndola ou vitrine. Larissa não via identificação entre seu livro e as pequenas editoras locais, e também não via de que forma uma grande editora centrada na região Sudeste poderia concordar em representar sua obra. *Sem Palavras* é um livro essencialmente diferente, não existia e não existe nada como ele, mesmo no gênero romance epistolar.

Larissa não demorou a pensar numa solução. Uma resposta punk ao *modus operandi* do mercado literário. Criaria sua própria editora. Representaria por si mesma seu livro com a NegaLilu Editora. O nome vinha do blog *Nega Lilu*, e é explicado no post *O mundo ainda fala por nós*⁴, de 28 de julho de

⁴ NEGA LILU. *O mundo ainda fala por nós*. In: *Nega Lilu*. Disponível em: <<https://negalilu.blogspot.com/2013/07/o-muro-ainda-fala-por-nos.html>>. Acesso

2013. E a ideia de fundir os nomes das duas protagonistas vem do capítulo XIX de *Dom Casmurro*, no momento em que Bentinho flagra Capitu escrevendo seus nomes, Bento e Capitolina, no muro da própria casa.

Como Bento e Capitolina unidos numa expressão de afeto, Nega e Lilu então se fundiam em um só persona. E vinha numa estratégia punk de inovação no mercado editorial, “com o objetivo de colaborar amplamente para a cadeia produtiva literária, buscando atuar de forma qualificada nas atividades-meio (produção do livro) mas estimulada a colaborar para ações de incentivo à formação de leitores, de democratização do acesso à literatura por meio das novas tecnologias e, principalmente, interessada em buscar estratégias alternativas para a circulação do livro.⁵”.

A NegaLilu Editora seguiria suas atividades com lançamento de editais para publicação de contistas e poetas goianos em antologias, originando os livros *Os olhos do bilheteiro* e *As dores de Josefa*, além da publicação de outros livros originais, que vieram nos anos seguintes.

O segundo livro de Larissa Mundim também resultaria de uma ação do Coletivo Esfinge, o Projeto Ordinário. Em um laboratório virtual de escrita literária, Larissa propunha a escrita de textos curtos. Reunidos no livro *Agora eu te amo*, constituem uma espécie de desdobramento de *Sem Palavras*, inclusive mencionando as personagens Laura e Brisa em certa passagem. O assunto das relações mediadas se prolonga, com 11 personagens que vivem o desafio do amor em tempos de relações líquidas. O livro, publicado em 2014, também teve apoio cultural.

No ano seguinte, viria *Operação Kamikaze*, uma biografia do Coletivo Esfinge que complementa, ao mesmo tempo a his-

tória de *Sem Palavras* (livro e conto) e da própria NegaLilu Editora.

Num esgotamento final da temática da busca do amor no nosso tempo, *faz rs* foi publicado em 2016 e tornou-se uma espécie de *best-seller* da NegaLilu editora, circulando pelas principais feiras de publicações independentes, como a Dente Feira de Publicações⁶ em Brasília e a Plana Festival Internacional de Publicações Independentes de São Paulo, tornando-se o título mais vendido da editora, mais até do que *Sem Palavras* e *Agora eu te amo*. E assim como nos dois romances anteriores, as pessoas se identificam com *faz rs* de forma intensa.

Ambiente do café Coffee Time ► Queda de conexão

A entrevistadora não consegue concluir a pergunta. A entrevistada lhe dá um tempo.

Ambiente do café Coffee Time ► Conexão retomada

Aos olhos de Larissa, faltam mulheres na literatura. Necessário que se escreva mais sobre mulheres. No perfil das mulheres que aparecem como protagonistas ou coadjuvantes em romances brasileiros publicados entre 1990 e 2004, a profissão é de artista ou dona de casa, ou por vezes nem lhe é atribuída.⁷ Como pode essa mulher, sem o seu trivial revelado, tornar-se interessante para o leitor? Como pode... A menos que seja criada com uma genialidade clariceana, que dá vida a Macabéa em *A hora da estrela*. Larissa a considera sensacional.

⁶ Feira de publicações independentes realizada anualmente em Brasília pelo coletivo DENTE, que produz eventos voltados para publicações impressas autorais e independentes.

⁷ DALCASTAGNÈ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004.** In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 26, 2005. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3231/323127089002/>>. Acesso: 01 de novembro de 2018

em: 01 de novembro de 2018.

5 MUNDIM, Larissa. *Operação Kamikaze*. Goiânia, Nega Lilu, 2015. Pág. 16.

Então faltam mulheres. Mas não faltam apenas as mulheres artistas e donas de casa, tampouco as mulheres brancas heterossexuais residentes no Sul ou Sudeste brasileiro. Faltam mulheres lésbicas, mulheres pretas, mulheres gordas, maconheiras, presidiárias, mulheres com deficiência. Faltam mulheres as mais diversas possíveis na literatura.

Mas existem as pessoas que estão escrevendo sobre a realidade que conhecem. Não representada na literatura, a mulher transexual que escreve pode escrever sobre sua realidade. A mulher que vive no Norte pode escrever sobre a vida no Norte. Às vezes as personagens em romances são espelhos de quem os escreve. Embora o homem branco, escrevendo um universo fantástico, possa ser considerado um ficcionista brilhante; embora se possa considerar que um homem, ao escrever, consegue desvendar os sentimentos de uma mulher; embora se acredite que a mulher sempre escreve sobre experiências pessoais. Absurdo, reducionismo acreditar nessa hipótese. Mas se é certo que a mulher branca publica mais do que a negra, e a mulher jovem mais do que a velha, e a do Sul ou do Sudeste mais do que a do Norte ou Nordeste – porque a mulher nordestina, excluída desse mercado, perderia a oportunidade de representar a si mesma?

Larissa não perde a oportunidade de criar grandes personagens do sexo feminino. É mulher e ama ser mulher. E acredita que o ato de ser e se tornar mulher liga-se a uma possibilidade de expressão de liberdade. De forma plena, integral, convicta e em liberdade de trânsito, reconhecimento de capacidades, ocupação de espaços de decisão... Espaços de protagonismo. Ser protagonista. Ao criar personagens femininas marcantes, Larissa vê essa possibilidade de ocupação de um espaço.

Ambiente do café Coffee Time ► música dançante de nome des-

conhecido

Larissa não publicou nenhum livro novo em 2017 e 2018. Tem cuidado dos trabalhos de publicação de outros livros, pela NegaLilu Editora, e sair do território de criação para o de produção faz com que perca um pouco da atmosfera necessária para a escrita ou seu exercício diário. Mas apesar de estar escrevendo pouco, seria injusto afirmar que a editora se sobressai à escritora, quando os livros mais vendidos pela NegaLilu até então são os seus próprios títulos. Embora a editora tenha publicado outros livros importantes e atrativos como o livro de poesias *Vermelho*, de Dairan Lima, o livro-reportagem *Sobreviventes do Césio 137*, de Carla Lacerda, a novela gráfica *Cidade Buraco: Livro 1*, de Emerson Rodrigues, ou um livro de poesia potente como *Muito pelo contrário*, escrito por Walacy Neto, nenhum vendeu mais que os de Larissa Mundim.

O mercado literário independente tem grande efervescência em Goiás, assim como em qualquer outro Estado. Sua visibilidade, é claro, é a de projetos não centrados nas regiões Sul e Sudeste, porém cresce cada vez mais a partir do trabalho de editoras independentes, selos literários, coletivos criativos e artistas gráficos que levam sua obra para fora do Estado. É surpreendente. A livraria mais charmosa de Goiânia, a Palavrear, expõe em suas prateleiras livros produzidos em Goiás e colocados para circular de forma independente.

Há em certa medida um desejo de atualização, busca por novos caminhos. Essa busca criativa, porém, migra para o cenário independente. O que o diferencia do mercado convencional é a circulação. Escritores independentes não utilizam distribuidoras, indo diretamente até o leitor. Vão a feiras independentes de literatura e artes gráficas, bate-papos, cursos... Buscam uma alternativa à lógica da compra de espaço em vi-

trines e prateleiras.

Já o mercado tradicional, para Larissa, precisa de reinvenção. Tanto em Goiás como em qualquer outro Estado. Larissa não vê novidades. Existe produção, é claro, e se dá de forma intensa. Produção, porém, que chega a livros comuns, livros que não surpreendem aos olhos. Uma produção que se repete.

Ambiente do café Coffee Time ► Conexão encerrada

Ambiente do café Coffee Time ► Conversas indistintas das mesas ao redor

Corpos interditados, vozes contestadoras



Desde que entrou na sala no fundo do corredor direito do Núcleo de Pesquisa e Ensino em Ciências (NUPEC), Lethycia não consegue parar de olhar as paredes. A sala retangular é dividida entre duas mesas de trabalho, uma próxima à porta e outra ao fundo, com estantes e arquivos de metal entre elas; e tem as paredes decoradas de um lado a outro com objetos culturais.

Recebida por um homem que trabalha na mesa em frente à entrada, ela avança pela sala observando com atenção: pendurados na parede ao lado da porta, há dois berimbaus multicoloridos; mais adiante na mesma parede, uma coleção de cartazes emoldurados de eventos literários, como a sexta edição do encontro Leia Mulheres de Goiânia; e também acadêmicos, em especial reunindo pesquisadores negros, como o X Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros (COPENE), que em 2018 se realizou em Uberlândia – MG. Mais à frente dos cartazes, há uma coleção de pequenos quadros com reproduções impressas de obras de Van Gogh. No espaço mais adiante, há uma rede pendurada de forma transversal, e no chão abaixo dela, um tapete sobre o qual estão espalhados alguns brinquedos. Nas estantes e armários, além de livros, pastas e documentos, há bonecas artesanais de barro e porcelana, representando mulheres negras com roupas estampadas pintadas sobre seus corpos, e na cabeça, cabelos em espiral. Junto a essas, há representações de baianas, com seus longos vestidos formados por múltiplas

conchas minúsculas, do tipo que se vende como lembrança de viagem em cidades litorâneas.

À direita, uma mesa, diante da qual a escritora se senta. Alta, magra, negra, os cabelos curtos cacheados tingidos de vermelho. Usa um vestido branco com estampa geométrica em linhas pretas. No braço esquerdo, um bracelete. No direito, sob a manga do vestido, uma tatuagem é parcialmente visível. Nos dedos, anéis de metal. Nas orelhas, brincos vermelhos com forma de pente garfo: acessório utilizado para pentear, moldando e dando volume a cabelos cacheados e crespos.

Chamada pela mãe, uma menina em uniforme escolar carrega duas bonecas Barbie negras, com cabelos volumosos e crespos. Uma das bonecas usa roupas estampadas; a outra usa um vestido branco, e nela, mãe e filha tentam ajeitar um longo colar de contas, passando-o pela cabeça e pelos cabelos artificiais. Lethycia observa com atenção e carinho a cena, lembrando da única Barbie que teve em sua infância nos anos 2000: branca e loira, a boneca tinha um vestido azul e saltos altos. Além de bonecas-bebês das quais nunca gostou quando criança, Lethycia nunca tinha visto uma boneca infantil com a cor de sua pele.

A menina – Sofia é seu nome – se retira com as bonecas para o outro ambiente da sala, e Anita e Lethycia podem ter sua conversa.

O desafio é pôr-se em vida, em versos ou prosa. É dar mobilidade à palavra alada, suspensa em desatinos.¹

Nascida no Rio de Janeiro, Anna Maria Canavarro Benite vive em Goiânia há 12 anos, mesmo tempo em que é professo-

¹ CANAVARRO, Anita. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio (org.). *Cadernos negros*, vol. 39. São Paulo: Quilombhoje, 2016. Pág. 45.

ra vinculada ao Instituto de Química na Universidade Federal de Goiás. Aos 39 anos, assumindo a presidência da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros e Negras, tenta manter a vida acadêmica ao mesmo tempo em que escreve. Sua admiração está nos escritos de Ronald Augusto, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo. Na poesia dos filmes de Joel Zito Araújo.

A escrita faz parte de sua vida desde sempre, conforme ela afirma. Afinal, se começa escrevendo diários, cartas, bilhetes, textos maiores. E, na vida de uma professora universitária, a escrita acadêmica é indispensável. Mas apenas há sete ou oito é que a escrita de literatura se tornou presente na vida de Anita. É por meio dela que a escritora procura estar entre os seus, com seus pares.

Há diferenças entre as duas formas de escrita: enquanto a literatura traz uma conexão, uma forma de encontro com outras pessoas, a escrita acadêmica se resume ao comunicado de resultados de pesquisas. Uma narrativa no passado, sem adjetivação, simbólica, que manipula termos inerentes à ciência, interage com gráficos e fórmulas ao mesmo tempo em que tenta manter uma neutralidade impossível na ciência. É uma literatura sem alma.

Recentemente Anita enveredou na escrita de cartas com um grupo de cerca de 20 amigas. Retornavam à forma de comunicação epistolar em busca de escrever sobre aquilo que as interessa, une, entristece, alegra. Vivendo em cidades diferentes, as integrantes do grupo de correspondência já se comunicavam por redes sociais, mas percebiam ali um ambiente desconfortável, ingrato. A comunicação midiática, online, de fotos bonitas, destinos de viagens, respostas rápidas e imediatistas revelava, para Anita, covardia, dissimulação, uma “onda de perfeição”. Voltar às cartas significa criar um elo de estar disponível, estar à escuta.

— Quando eu sento para escrever uma carta, eu tenho que

estar disponível para aquilo, não é um recado rápido para ser consumido naquela hora, naquele momento para atender a uma demanda — justifica.

*Palidez engessada
duras palavras/cacetadas
quem é da baixada
sabe o que faz parar
esse corpo por vezes e ironicamente dito mestiço
esse corpo é de ocupação
não lhe diga qual sua cor
NÃO!!!
sua resistência agora em palavras
símbolos máximos de abstração
subtraíram-lhe rótulos
multiplicaram-lhe os medos
mas eu lhe digo: Corpo Negro
divida-se em versos
multiplique-se em prosa
E RESISTA!²*

Desde a página 46 do trigésimo nono volume da série histórica *Cadernos Negros*, a poesia de Anita Canavarro reflete a resistência exercida por pessoas negras em um país de passado escravocrata e que até hoje mantém e reproduz o racismo, por vezes velado, às vezes exposto, e estrutural.

A resistência pode vir em tom de manifesto, como no poema *Resista!* aqui citado, mas também por meio de uma mensagem emancipadora e de empoderamento; do registro de dores em comum; da denúncia de uma estrutura que se mantém ex-

² CANAVARRO, Anita. **Resista!** In: RIBEIRO, Esmeralda (org.); BARBOSA, Márcio (org.). *Cadernos Negros*, vol. 39. São Paulo: Quilombhoje, 2016. Pág. 46.

cludente. E também pode vir pela abordagem de manifestações religiosas que até hoje são estigmatizadas. Anita vê, em sua escrita, a presença constante da religiosidade, das divindades e elementos sagrados do candomblé.

*Nasci da água,
Na força das marés
Anseio o momento em que ela renascerá em mim
Odoyá,
Iyá mi³
Sabe meus segredos
Sou forjada na lâmina de sua alfanje
De onde caminho
Nos entremeios desse mar de gente.⁴*

Lethycia não havia lido antes uma literatura que mencionasse orixás. Embora saiba pouco sobre o candomblé, conhece a umbanda. Foi voluntária durante três anos em um centro que pratica de forma sincrética espiritismo e umbanda. Ali, cantava os pontos em homenagem à natureza, às matas, às cachoeiras, ao mar, aos caboclos, pretos-velhos e Iemanjá. Apesar disso, não conhecia a saudação à mãe das águas expressa por Anita na palavra *odoyá*. Hoje, afastada de qualquer forma de manifestação religiosa, Lethycia ainda guarda muito respeito pelo que aprendeu em sua vivência e se emociona ao perceber a importância dos elementos religiosos para sua interlocutora.

*Em meio a cantos tênues
Indumentárias solenes*

³ Entidade do candomblé conhecida como Grande Mãe Ancestral.

⁴ CANAVARRO, Anita. **Eu, água**. In: RIBEIRO, Esmeralda (org.); BARBOSA, Márcio (org.). *Cadernos Negros*, vol. 39. São Paulo: Quilombhoje, 2016. Pág. 47.

*Há mentira
De que o sagrado não habita em nós
Já eu prefiro os ventos
A força das águas
O cheiro da mata
Segredos do mariwo.⁵*

Sendo resistência, a literatura negra é por vezes contestada. Questionando privilégios, ela incomoda. E são comuns as perguntas: “Por que uma literatura negra?”, “Por que um Dia da Consciência Negra?”, “Por que falar sobre racismo?”. Anita responde com mais perguntas. Por que *não* falar de uma literatura negra? Por que *não* trazer os elementos da cultura negra para a literatura? Por que não expressar a literatura de um povo?

Lethycia compreende e conhece uma resposta. A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie discursou, na conferência TEDGlobal de 2009, sobre *O perigo de uma história única*.⁶ Ela fala sobre o poder de contar histórias, e sobre como é perigoso, ao se contar sobre o outro, não existir uma pluralidade de histórias. Uma história única, como Chimamanda explica, é produzida assim: “[...] mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão.”⁷ Quantas histórias se repetiram sobre pessoas negras no Brasil? Na maioria dos livros brasileiros que leu, dos clássicos aos contemporâneos, Lethycia encontrou dois cenários. Cená-

⁵ Nome da folha do dendezeiro.

⁶ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. In: *TEDGlobal 2009*. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt#t-1110144>. Acesso em: 29 de outubro de 2018.

⁷ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. In: *TEDGlobal 2009*. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt#t-1110144>. Acesso em: 29 de outubro de 2018.

rio 1: uma pessoa branca falando sobre pessoas negras. Cenário 2: histórias em que não há pessoas negras. E na maioria dessas histórias, o negro era o escravo, o vadio, o bandido contemporâneo, a mulher que desperta o desejo do homem branco, a empregada doméstica. Houve uma história única sobre as pessoas negras no Brasil.

Mas existem novas histórias. Histórias, por exemplo, em que mulheres negras participaram da História com H maiúsculo do Brasil, como em *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, de Jarid Arraes.

O conceito da história única, porém, é algo de que Lethycia só se lembra vários dias depois do diálogo com Anita. E ela pede permissão para conectar esse conceito à observação feita por Anita Canavarro sobre o papel da mulher negra na literatura brasileira hegemônica. Uma mulher lasciva, provocadora, uma tentação. Essa mulher é descrita com partes do corpo à mostra, com enorme poder de sedução, sempre disponível para o sexo. Nessa literatura hegemônica, Anita lembra, a única mulher negra a quem é dado o direito a uma família é Isaura, do livro *A Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães, personagem conhecida por ser uma escrava branca. Isso, porém, não seria possível para a filha de um homem branco com uma mulher negra. Por isso, Anita se refere a ela como mulher negra. Isaura tem família, enquanto as outras mulheres de sua cor, na literatura hegemônica, são erotizadas.

— Já pensou a experiência literária de crianças e adolescentes negros entenderem que esse é nosso papel no mundo?

Refletindo sobre essa forma de representação e a história única, Lethycia compreende que isso aconteceu porque pessoas negras não puderam contar suas histórias. Foi o olhar do outro sobre elas. E Lethycia pensa em quantos escritores negros já leu. Começou com Machado de Assis, na escola, mas

levaria muito tempo até saber que Machado era negro. A literatura hegemônica o embranqueceu. Depois veio Lima Barreto, com *Clara dos Anjos*; e vieram crônicas de João do Rio; e veio Chimamanda Ngozi Adichie, com *Sejamos todos feministas*, *Americanah* e *Hibisco roxo*; e veio Alice Walker, com *A Cor Púrpura*; e Octavia Butler, com *Kindred – Laços de Sangue*; e Jarid Arraes com *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*; e Angie Thomas com *O ódio que você semeia*. E Olívia Pilar com os contos *Dia de domingo*, *Entre Estantes* e *Tempo ao Tempo*. Ela ainda quer ler, da mesma autora, *Pétala*. Veio, por fim, *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de Conceição Evaristo. Ela espera que venham muito mais.

Foi por meio do movimento negro que Anita conheceu os grupos de escritores que integra e as antologias em que foi publicada. É o que ela descreve como uma experiência de encontros. Militante do movimento negro há muitos anos, Anita descreve a pluralidade de pensamentos presente em um movimento social.

— O movimento abarca diferentes expressões da intelectualidade negra no Brasil, então são ativistas que atuam nos diferentes campos, e nessas ações do ativismo dentro do movimento negro, os coletivos se instauram. E esses coletivos apresentam uma voz muito potente dentro do movimento negro. Eles expressam muitos sentimentos que ficam ali pulsando no movimento. E você se envolve com eles, se encanta com eles, e de uma maneira ou de outra, eu acabei indo parar neles. Por objetivos comuns, por afinidades, por essa reunião de lugares.

A principal forma de expressividade dentro de tais movimentos por meio da literatura seria a coletânea *Cadernos Negros*, produzida pelo coletivo Quilombhoje. O grupo, fundado em 1980 por Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelar-

do Rodrigues, entre outros participantes, aponta em seu site a proposta de “incentivar o hábito da leitura e promover a difusão de conhecimentos e informações, bem como desenvolver e incentivar estudos, pesquisas e diagnósticos sobre literatura e cultura negra.”⁸. Em 1982, novos membros do coletivo iniciaram a publicação da coletânea *Cadernos Negros*, alternando antologias de contos e poemas escritos por autores e autoras negros. Alguns nomes célebres da literatura negra, como Conceição Evaristo, publicaram nela. Em 2018, o coletivo já conta com seu volume 40, uma coletânea de contos. Mas o Quilombhoje já publicou também outros livros, além de promover outras ações culturais.

O volume da antologia que leva poemas de Anita Canavarro é o número 39. Organizado por Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa, o volume 39 conta com 171 poemas de 36 autores e autoras. Em versos de diferentes estilos, esses homens e mulheres falam de lutas coletivas e individuais; do empoderamento de reconhecer a própria cor; da descoberta do amor pelo cabelo crespo *black power*; da hipocrisia de quem nega a existência do racismo ou a necessidade de existência do Dia da Consciência Negra; da dor de mães que perdem seus filhos para a violência; das mortes de jovens negros e pobres em todo o Brasil; do nosso passado escravocrata que repercute ainda hoje; do quanto incomoda a presença de pessoas negras em espaços como uma universidade.

Anita, que acompanha a publicação “desde pequena”, vê os *Cadernos Negros* como “um encontro celebrativo, festivo e de resistência”. É como poder olhar para os seus ídolos. A despeito de historiografias que colocam os negros como não-autores, não-produtores, não-sabedores, não-potências, a coletânea

segue há quase quarenta anos produzindo e publicando uma literatura independente e de resistência.

Outros livros que levam poemas de Anita Canavarro são *Além dos Quartos* e *Oguns Toques Negros*. A primeira, organizada de forma independente pelo coletivo Louva-Deusas, é uma coletânea de poesia erótica escrita por mulheres negras e assinada por 53 autoras. O livro ainda inclui ilustrações e artes também produzidas por mulheres, representando a diversidade de corpos femininos e celebrando sua liberdade. Já *Oguns Toques Negros* é também uma antologia de poesia, porém com temática mista. É publicada pela editora de mesmo nome, também originada em um coletivo.

O site da editora questiona: “Quantos escritores e escritoras negros você já leu?”. A iniciativa começou via Facebook, com proposta do poeta soteropolitano Guellwaar Adun e de sua companheira Mel Adun, que tinham a expectativa de promover a literatura negra, uma literatura que pudesse abarcar os elementos culturais que marcam a população negra e, consequentemente, os escritores negros.

Anita, que ao mesmo tempo em que é escritora e poeta, é também acadêmica, percebe uma invisibilidade da literatura negra e de pesquisas que a abordam. Invisibilidade imposta e reproduzida por espaços acadêmicos em que reina o chamado sujeito universal: o homem branco. São poucos os autores e cientistas negros a serem lidos e estudados. Não quer dizer que não existam. Mas a escolha predominante de autores brancos para formulação de matrizes epistêmicas faz com que sejam apagados, invisibilizados. Como afirma Anita:

— Existir, existe. Falta você se rebelar, fazer um ato contra-hegemônico e saber acessar.

Buscar a escrita negra, tanto literária como acadêmica, não significa fugir do cânone. Se a literatura negra está mais pre-

⁸ QUILOMBHOJE. **Quilombhoje: missão.** In: *Quilombhoje*. Disponível em: <<http://www.quilombhoje.com.br/site/quilombhoje/>>. Acesso em: 30 de outubro de 2018.

sente em coletivos próprios e publicações independentes, é preciso, segundo a autora, conhecer o cânone para saber por que a literatura hegemônica não combina com a literatura produzida por ela e por seus iguais, por que não os contempla, por que *não querem* estar lá. Junto a isso, é preciso *estar disposto* a buscar a literatura que faz resistência. Para Anita, a literatura brasileira precisa de uma capacidade inventiva para que não permaneça sempre a mesma.

— É preciso ter uma empreitada que liberte a gente do mito da democracia [racial]. E eu consideraria que uma experiência com a literatura negra é você questionar o mito da democracia, você se libertar desse mito. Então passa por um processo de alfabetização racial, de letramento racial também. Você precisa se entender no mundo para poder questionar que parâmetros são esses de literatura que são colocados para a gente.

Anita compreende que ser mulher é um processo de construção, de ir *tornando-se* mulher. A referência à frase célebre de Simone de Beauvoir não é coincidência. Para Anita, o *ser mulher* envolve uma compreensão diária de estar com seu corpo interditado. Interdição ao que o corpo da mulher representa, com a possibilidade de sua libertação, e à possibilidade de seguir caminhos próprios. “Há muito controle sobre os corpos femininos, então todo dia descobrir que existe esse controle é o que torna a gente mulher”.

Uma forma de desafiar a interdição dos corpos femininos é pela literatura erótica. Anita cita como exemplo o coletivo Louva-Deusas. Escrever literatura erótica, sendo mulher, é uma experiência de poder. “Falar de erotismo, mulheres que falam de literatura erótica, é desafiar essa sociedade machista e patriarcal, é dizer que a gente pode fazer o que a gente quer, o que a gente deseja”. E, como mulher negra, vê essa forma de escrita como um desafio à subalternidade negra presente na

literatura hegemônica. É uma forma de se colocar a mulher negra como produtora, como potência de intelectualidade, dona do próprio corpo, da sua própria vontade, do próprio caminho.

A literatura produzida em Goiás, para Anita Canavarro, produz experiências interessantes, tanto de forma escrita, como falada e cantada. A literatura, para ela, está muito além dos livros. Está em saraus, em encontros, em celebrações musicais. Está no Sarau das Minas, organizado pela atriz e escritora Carol Schmid e pela também escritora Pilar Bu, autora de *Ultravioleta*, que já não vive mais em Goiânia. Está no Poetnos, evento de música e poesia organizado por participantes do grupo de pesquisa, ensino, extensão e ações afirmativas LaGENTE, do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da UFG. Está nos eventos promovidos pela cafeteria Evoé Café Com Livros. Está no Batucagê, evento de samba de roda, capoeira e feijoada. Está na iniciativa Ninho Cultural. Está na associação Coró de Pau. A literatura, em Goiânia, está nos mais diversos grupos, eventos e coletivos. Mas está pouco vista. Frequentada por poucas pessoas. Não-alcançada pelo público.

— Eu vejo que as pessoas não valorizam muito. Eu acho que Goiânia ainda tem muita coisa para aprender, em termos de história das identidades coletivas.

Os planos de Anita para o futuro, porém, estão na resistência. Continuar escrevendo, integrando os coletivos dos quais participa, alimentando-se deles para encontrar a força de que precisa. “A gente tem que caminhar nesse lugar da liberdade, de ter voz própria, de querer não obedecer esses padrões editoriais, que sufocam os escritores e sufocam os leitores também”. Mesmo que haja dificuldades. “Está difícil resistir nesses tempos de ódio e de ampla censura nivelada, de tantas críticas. Eu diria a você que o plano é resistir”.

Lethycia sai da sala do Laboratório de Pesquisas em Educação Química e Inclusão (LPEQI), o escritório de Anita Canavarro, com a sensação de que teve uma experiência enorme e que existe, em literatura, muito mais do que imaginava. De que ainda precisa conhecer muito mais do que já conhece.

Antes de ir embora, sorri para o adesivo branco pregado na porta, com a figura ilustrada de uma garota negra vestindo um jaleco e segurando frascos de substâncias químicas. No lado esquerdo do cartaz, ocupando sua maior parte, a inscrição *Negras nas Exatas! Representatividade importa!* Abaixo, os logos de vários grupos, entidades, e coletivos. O próprio LPEQI, o coletivo CIATA, o coletivo Dandaras no Cerrado, do qual Anita Canavarro também faz parte, e uma página do Facebook intitulada Investiga Menina! Há muito mais experiências esperando para que Lethycia as conheça.

Posfácio

Já faz algum tempo que eu acredito que alguns livros nos transformam, ou pelo menos nos impactam de alguma forma. Mas eu não sabia que escrever um livro também poderia ser impactante. Idealizar, escrever e produzir este livro me colocou em contato com a literatura de uma forma que eu nunca tinha estado antes: saber como a escrita afeta outras mulheres que também escrevem, e como elas têm suas vidas transformadas pela escrita.

Não foi um processo fácil. Desde que fiz um post no Facebook pedindo indicações de escritoras goianas, durante toda a escrita do meu projeto de pesquisa e durante a realização das entrevistas e escrita dos perfis, eu tive muitas dúvidas, inseguranças, angústias. As maiores eram de que alguma parte do trabalho fosse incoerente, ou de que eu não conseguisse realizar uma quantidade suficiente de entrevistas e não produzisse todo o material de que necessitava. Mas também houve momentos em que soube que estava fazendo algo especial, em que eu acreditava muito.

Meus objetivos eram analisar características gerais da literatura produzida por mulheres em Goiás; identificar escritoras goianas contemporâneas; investigar as temáticas, protagonistas e vozes narrativas de obras literárias produzidas por mulheres goianas nos últimos anos; analisar o sentido da escrita e do ser mulher para escritoras goianas do cenário atual. Embora o produto principal esteja aqui – isto é, um livro completo –, eu

não consegui atingir todos os meus objetivos, da forma como os defini no meu projeto de pesquisa. “Identificar características gerais da literatura produzida por mulheres em Goiás”, por exemplo, era algo que eu jamais poderia fazer em apenas alguns meses.

Mas consegui identificar diversas escritoras goianas contemporâneas segundo o critério que estabeleci. Nas obras que li ao longo de 2018, observei quem eram as protagonistas dos textos em prosa ou eu-lírico nos textos em poesia. O sentido da escrita, para cada uma das autoras entrevistadas, está diluído nos perfis deste livro. Para umas, a literatura é uma paixão desde a infância; para outra, um motor, a força de que precisa; pode ser também método, disciplina. Pode ser um encontro com seus iguais.

Os cinco diferentes olhares que tive me ajudaram a perceber alguns dos caminhos pelos quais se escreve e publica literatura em Goiás. A pesquisa para este livro me levou a identificar várias outras escritoras de ficção, além das que entrevistei, que nasceram ou vivem em Goiás: Bruna Kunchenbecker, autora de *O que os olhos não veem, as memórias contam* (romance); Bruna Martins, autora de *Máquina de escrever* (crônicas); Dani de Brito, autora de diversos livros infantis; Keslley Cremonezi, autora do livro *O sabor da vingança* (romance), entre outros títulos; e Thaise Monteiro, autora de *Modus Operandi* (poesia). Minhas buscas na internet sobre cada uma delas e suas respectivas obras me levaram a perceber que as informações e registros sobre as autoras e suas obras são escassos e estão dispersos, com frequência online, em páginas e perfis no Facebook, blogs e sites das próprias autoras, matérias ocasionais em jornais locais, como *O Popular* e *Diário da Manhã*, ou perfis das autoras e páginas relacionadas aos livros em redes sociais para leitores, como Skoob e Wattpad.

Outra conclusão à qual cheguei foi de que todas essas autoras têm suas obras publicadas por editoras pequenas e/ou independentes, quase todas locais, exceto no caso de Carol Oliveira, que é publicada por uma editora do Rio de Janeiro, mas também independente. Quanto não têm seus livros publicados assim, o recurso utilizado é a autopublicação – seja gratuita, como fez Dheyne de Souza ao disponibilizar e-books em seu blog; seja de forma paga, como Keslley Cremonezi, que tem um e-book à venda na loja virtual *Amazon*.

A publicação independente, por editora pequena ou feita por si mesma é, provavelmente, a única coisa em comum entre todas as escritoras. E aponta algo que se repete tanto nas trajetórias de Cássia Fernandes como na de Larissa Mundim e nas de outras mulheres escritoras: a dificuldade de publicar literatura no Brasil, agravada pela distância da Região Sudeste, onde estão centradas as maiores editoras do país.

A realização das entrevistas e a escrita dos perfis me levou a conhecer uma multiplicidade de pontos de vista em relação à literatura, à leitura e à escrita. Preferências de leitura, formas de organizar a própria escrita, visões sobre o ofício de escrever, o contato com leitores e o mercado editorial. As diversas verdades que alcancei no contato com minhas entrevistadas – e digo *verdades* por não acreditar que exista uma só, mas sim que cada pessoa tenha sua própria verdade em relação à vida e ao mundo – me fizeram confrontar, inclusive, algumas das minhas hipóteses iniciais que fizeram parte do projeto desde livro como trabalho acadêmico.

Embora, para Larissa Mundim, seja reducionismo ver a literatura escrita por mulheres como registro de experiências pessoais, não podemos desconsiderar uma relação com a própria vivência ao lermos os poemas de Anita Canavarro e a forma com que ela trabalha as questões identitárias. Essa contradição

me angustiava, e só consegui ficar em paz com ela quando me lembrei de que estava trabalhando com as opiniões, valores e verdades de pessoas diferentes, e que o fato de essas verdades se confrontarem apenas indica a complexidade da literatura.

Por fim, não importa a opinião que eu poderia vir a formar em relação às mulheres escreverem ou não escreverem literatura baseada em experiências pessoais ou qualquer outra questão que cause debate. Porque, neste livro, as mulheres perfiladas é que são relevantes. Minha participação nele é apenas a de idealizá-lo e produzi-lo. E sendo uma forma de alcançar e propagar realidades e contar histórias, neste livro eu conto aquilo em que acreditam minhas entrevistadas.

Acredito que não existam regras na literatura, nada que a defina ou delimite. Acredito, por isso, que a literatura pode ter um sentido diferente para cada pessoa. Minha principal busca com este livro é conhecer o sentido que a escrita literária tem para outras pessoas. Não para chegar a uma conclusão definitiva sobre o que significa a literatura, como se ela pudesse ser uma coisa só para todo mundo. Mesmo se pudesse entrevistar todos os escritores, escritoras, leitores e leitoras do mundo, não conseguiria alcançar esse sentido. A literatura tem múltiplos sentidos. Para mim, para você, para as autoras perfiladas aqui, para as demais autoras que identifiquei, para o autor do meu livro preferido e para a pessoa com quem você esbarrou uma vez num sebo ou livraria.

Lista de obras citadas

A Arqueira do Vento – Graciele Ruiz
A Bolsa Amarela – Lygia Bojunga
A Cor Púrpura – Alice Walker
A Escrava Isaura – Bernardo Guimarães
A Hora da Estrela – Clarice Lispector
A louca da casa – Rosa Montero
A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas – Maria José Silveira
A Parlenda da Menina Rima – Dheyne de Souza e Santiago Régis
A porca revolucionária – Bruna Khalil Otero
Abracadabras: crio enquanto falo – Cássia Fernandes
Agora eu te amo – Larissa Mundim
Além dos Quartos – coletivo Louva-Deusas
Almofariz do tempo – Cássia Fernandes
Americanah – Chimamanda Ngozi Adichie
Amor Líquido – Zygmunt Bauman
Ana & As Cartas – Dheyne de Souza e Wilton Cardoso
Anna Kariênina – Tolstoi
As crônicas dos Kane – Rick Riordan
As dores de Josefa – diversos autores
Cadernos Negros, vol. 39 – Quilombhoje
Cartas que não te escrevi – Lucivânia Fernandes
Cidade Buraco: Livro 1 – Emerson Rodrigues
Clara dos Anjos – Lima Barreto
Dia de domingo – Olívia Pilar

Dom Casmurro – Machado de Assis
Drácula – Bram Stoker
Faz rs – Larissa Mundim
Guerra e Paz – Tolstoi
Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis – Jarid Arraes
Hibisco roxo – Chimamanda Ngozi Adichie
História do cavaleiro inexistente – Rosa Montero
Ilusões Perdidas – Balzac
Insubmissas Lágrimas de Mulheres – Conceição Evaristo
Julia
Kindred: Laços de Sangue – Octavia E. Butler
Lágrimas na chuva – Rosa Montero
Madame Bovary – Gustave Flaubert
Máquina de escrever – Bruna Martins
Modus Operandi – Thaise Monteiro
Muito Pelo Contrário – Walacy Neto
O amante de Lady Chatterley – D. H. Lawrence
O ódio que você semeia – Angie Thomas
O que os olhos não veem, as memórias contam – Bruna Kun-
chenbecker
O Sabor da Vingança – Keslley Cremonezi
O Senhor da Luz – Graciele Ruiz
Os olhos do bilheteiro – diversos autores
Oguns Toques Negros – coletivo e editora Oguns Toques
Negros
Operação Kamikaze – Larissa Mundim
Pequenos Mundos Caóticos – Dheyne de Souza
Pétala – Olívia Pilar
Putois – Anatole France
Sabrina
Sejam todos feministas – Chimamanda Ngozi Adichie
Sem Palavras – Larissa Mundim e Valentina Prado

Sereias: Encantos & Perigos – Graciele Ruiz (org.)
Sobreviventes do Césio-137 – Carla Lacerda
Tempo ao Tempo – Olívia Pilar
Ultraviolenta – Pilar Bu
Vermelho – Dairan Lima
Viagens a Santiago – Dheyne de Souza e Santiago Régis

Agradecimentos

Este livro é a coisa mais difícil e mais significativa que eu realizei durante os quatro anos da minha graduação. Eu tenho muito a agradecer, sobretudo a várias pessoas. Muitas delas têm seus nomes listados aqui, embora isso não chegue nem perto de demonstrar minha verdadeira gratidão.

Agradeço, em primeiro lugar, à minha mãe, Clevoneide Bertolino do Santos, e ao meu pai, Jurandir Evangelista Dias, que me incentivaram a ler e escrever desde a infância e me permitiram mergulhar no mundo dos livros tão fundo quanto eu desejei. Por todos os sacrifícios que fizeram por mim ao longo da vida. Por me apoiarem nas minhas escolhas e acreditarem nos meus sonhos.

A todas as mulheres de todas as épocas que se atreveram a escrever. Vocês foram fortes. Vocês foram corajosas. Vocês me inspiraram e inspiram.

A J. K. Rowling, por ter criado a mais maravilhosa história de fantasia e amizade que eu já li e por ter sido a primeira escritora que eu admirei.

A Virginia Woolf, por ter escrito *Um teto todo seu*. A ideia louca desse livro de perfis provavelmente não teria sido levada adiante se *Um teto todo seu* não existisse.

Ao colega de graduação Bruno Fiuza, por ter me apresentado a obra de Virginia Woolf e me presenteado com livros dela e de outros autores e autoras. Quando li *As ondas*, em 2015, eu não imaginava que Virginia Woolf se tornaria uma das minhas

escritoras preferidas.

A todas as pessoas que ao longo da vida me emprestaram ou deram livros, quando eu não podia comprá-los para mim. Vocês não sabem como me ajudaram!

Aos meus amigos e colegas de graduação Bruno de Souza Destéfano e Denise Rodrigues Soares, por acreditarem em mim. Eu amo vocês.

Às minhas melhores amigas, Lara Alves da Silva e Lívia Duarte de Oliveira, pela nossa amizade que sobreviveu ao fim do Ensino Médio, ao início da vida adulta, ao tempo e à distância. Por sempre terem acreditado no meu sonho de ser escritora. Eu amo vocês.

Aos meus amigos Bruna Godoi, Danillo Luigi, Érica Narayana e Wellington Alves, por integrarem, junto comigo, o grupo de amigos mais improvável que já existiu. Por ouvirem, durante todo o tempo em que nos conhecemos, as minhas angústias e por fazerem parte do meu desenvolvimento pessoal. Por todos os abraços, piadas, trajetos de ônibus e almoços no Restaurante Universitário que passamos juntos. Eu amo vocês.

À professora Rosana Maria Ribeiro Borges, por ter acreditado neste livro quando ainda era apenas o meu projeto de pesquisa. Por ter ouvido minhas dúvidas e angústias durante todo o primeiro semestre de 2018 e contribuído com questões teóricas.

À minha orientadora Angelita Pereira de Lima, por ter sido a primeira pessoa a acreditar na minha ideia e por ter me ajudado com a preparação para as entrevistas, a escrita dos perfis e todo o processo de realização deste trabalho.

Ao professor Jamesson Buarque de Souza, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, pela lista de escritoras goianas que me enviou em resposta ao meu e-mail. Eu também não poderia ter prosseguido na minha iniciativa sem conhecer as mulheres que estão escrevendo atualmente em Goiás.

Ao Flavio P. Oliveira, da Delirium Editora, por ter me proporcionado a oportunidade de conhecer Ana Carlyne Borges de Oliveira durante o lançamento de *Sereias: Encantos & Perigos* na Bienal Internacional do Livro de São Paulo. Um dos perfis deste livro provavelmente não teria sido escrito ou então seria muito diferente se isso não tivesse acontecido.

A Ana Carlyne Borges de Oliveira, Dheyne de Souza Santos, Lucivânia de Cássia Fernandes da Silva, Larissa Pereira Mundim e Ana Maria Canavarro Benite, por terem concordado em conceder entrevistas, falar de suas vidas e experiências com a literatura. Sem vocês, nada disso seria possível.

A Lucivânia de Cássia Fernandes da Silva, Larissa Pereira Mundim e Ana Maria Canavarro Benite, por terem me presenteado com exemplares de livros, que me permitiram um maior aprofundamento na minha pesquisa e um maior conhecimento de suas obras.

À Clara Linhares, colega de turma no Jornalismo por quem sempre tive muita admiração, pelas lindas ilustrações que fazem parte do livro. Pela paciência para ler os perfis e para ouvir as minhas ideias (e a falta delas também).

À NegaLilu Editora, por buscar inovação no mercado editorial e aproximação com os leitores. Por produzir e publicar seus livros com projetos gráficos únicos. Por organizar a Feira e-cêntrica de publicações independentes, que foi um dos meus *insights* iniciais para minha percepção sobre a atual produção literária em Goiás e em Goiânia.

À escritora inglesa Joanna Walsh, por ter criado o projeto *#readwomen2014*, que inspirou a criação do projeto *Leia Mulheres* no Brasil.

Ao *Leia Mulheres*, por incentivar a leitura de livros escritos por mulheres em todo o Brasil.

Aos booktubers e bookstagrammers brasileiros, por sua

“impostura” e por se dedicarem todos os dias a falar de livros na internet. Em especial a Tailany Costa, pelo vídeo sobre *Um teto todo seu*, que despertou meu interesse por este livro.

Aos jornalistas que se aventuraram a escrever e pesquisar Jornalismo Literário, por terem criado e difundido a forma de escrever jornalismo na qual eu acredito e que fez com que eu encontrasse meu lugar no jornalismo.

A Conceição Evaristo, pela *Escrevivência*.

Aos *Cadernos Negros*, por incentivarem e difundirem a literatura negra durante cerca de 40 anos e permitirem a expressão de dores e experiências que nem sempre encontram lugar na literatura brasileira publicada de forma tradicional.

A todas as pessoas que me ajudaram, apoiaram, incentivaram ou inspiraram de forma direta ou indireta ao longo da vida e que eu não seria capaz de nomear, uma por uma, aqui.

A ilustradora



Clara Linhares tem 23 anos e é goiana com todo o coração. Atualmente estudante de Artes Visuais na Unb, ela sempre foi completamente apaixonada pelas artes no geral, mas fez alguns desvios pela informática e jornalismo antes de se encontrar na fotografia e na ilustração.